

## 1º lugar pré-mirim – Melissa Bonassa de Oliveira

### A floresta encantada

Começaram a queimar a floresta encantada. Eram os duendes que tinham ciúmes da fada porque ela prestava mais atenção na natureza e nos animais do que neles.

Então, esses duendes começaram a cortar as árvores, comeram as plantas, sujaram os rios e colocaram pedras para a água não chegar até os riachos.

Depois disso, a noite chegou e a fada estava dormindo quando um dos duendes apareceu e roubou sua varinha mágica. Quando ela acordou, ficou desesperada e pensou: "Onde está minha varinha? Onde? Onde?" E então lembrou: "Posso falar com o chefe. Ele, com certeza, vai me ajudar." A fada bateu suas asinhas e chegou até seu chefe.

Ele já sabia de tudo o que estava acontecendo e disse que a ajudaria e também enviaria alguns ajudantes para essa missão.

E foi assim: o chefe conversou com os duendes, explicou que a natureza é muito importante para nossas vidas e que não podemos estragá-la.

Conversou também com a fada e combinou:

– Fada, de manhã você vai cuidar dos rios e dos riachos, à tarde você vai cuidar dos animais e plantas e à noite você fica com os duendes, brincando, cozinhando e colocando eles para dormir. Combinado?

Todos disseram:

– Sim!

Os duendes se desculparam, prepararam uma surpresa para a fada e festejaram junto com as plantas e flores. E todos cantaram muito felizes.

## 2º lugar pré-mirim – Isadora Pavan de Andrade

### Os homens e as árvores

Era uma vez um bosque encantado, onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da Mãe Natureza, com seus bichinhos, plantas e rios.

Todos viviam em perfeita harmonia, quando, de repente, algo terrível aconteceu!

Um monte de homens feios apareceu na floresta com máquinas enormes, cheias de dentes cortando todas as árvores e do outro lado saltavam um monte de palitinhos.

O barulho era muito grande e assustou todos os animais.

Um coelho que tomava conta daquele lugar saiu correndo atrás da fada para avisar o que estava acontecendo.

A fada ficou muito brava com os homens feios. Ela pegou sua varinha mais poderosa e foi atrás deles para tentar parar.

Quando chegou perto deles, foi logo gritando: “O que vocês estão fazendo? Parem agora mesmo ou eu vou usar meus poderes em vocês.”

Há há há há há um mosquito falante! Eles acharam engraçado e duvidaram dos seus poderes. Então a fada disse: “Eu não sou um mosquito eu sou uma fada da floresta e se vocês continuarem a cortar as árvores eu vou mostrar a vocês que estou falando sério.

Os homens maus não acreditaram e continuaram a cortar as árvores.

A fada pegou a sua varinha e apontou para eles e lançou o feitiço SinSalabin! Faça os homens virarem árvores...Primmmmm!

No lugar das árvores cortadas agora tem novas árvores e as sementinhas que caíram a Mãe Natureza fez nascer uma nova floresta ainda mais bonita que antes. A harmonia voltou para o bosque e todos os animais foram felizes para sempre.

### 3º lugar pré-mirim – Caio Silva Vertuan

#### Um rio para todos

Era uma vez um bosque encantado, onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da Mãe Natureza, com seus bichinhos, plantas e rios.

Todos viviam em perfeita harmonia, quando, de repente, algo terrível aconteceu, os passarinhos vieram contar para a fada madrinha que não conseguiam fazer seus ninhos porque as árvores estavam sendo cortadas!

A fada madrinha ficou muito triste porque os passarinhos não teriam lugar para dormir e também porque as folhas das árvores são importantes para limpar o ar. De repente, os macacos chegaram correndo, gritando:

– Fada Madrinha, o rio secou!

E a Fada Madrinha e todos os bichos foram ver. O rio estava mesmo seco! A coruja, muito esperta, deu a ideia de que todos seguissem o rio para ver se estava inteiro seco e eles chegaram até um lugar onde tinha uma barreira de troncos segurando a água e um novo caminho havia sido feito para o rio.

Um passarinho falou:

– Os troncos das nossas árvores!

E os macacos apontaram:

– E a água do rio, mas ela está indo para o outro lado!

A Fada Madrinha viu várias pessoas e foi explicar para elas que os bichinhos precisam das árvores e da água do rio. As pessoas pediram desculpas porque não sabiam dos problemas que tinham causado tentando desviar a água do rio para uma pequena cidade.

A coruja esperta teve outra boa ideia:

–Tiramos os troncos e dividimos a água entre a floresta e a cidade!

Todos concordaram e os castores foram tirar os troncos.

A Fada Madrinha mexeu a varinha e fez aparecer várias mudas de árvores. E disse:

– Agora faltam as árvores!

Cada pessoa que estava ali pegou uma muda e plantou e construíram casinhas para os passarinhos com os troncos que os castores tiraram do rio. Elas queriam se desculpar por deixar os passarinhos sem ninho.

Os passarinhos ficaram felizes com as casinhas. Árvores novas foram plantadas. E o rio passou a levar água para a floresta e a cidade, deixando todos felizes!

#### 4º lugar pré-mirim – Mateus Bino Belode

Vitor, o herói da natureza

Era uma vez um bosque encantado onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da Mãe Natureza, com seus bichinhos, plantas e rios.

Todos viviam em perfeita harmonia, quando, de repente, algo terrível aconteceu!

Um grupo de animais, chamados de seres humanos, entraram no bosque e destruíram muitas árvores.

A Mãe Natureza ficou desesperada, pois os ninhos dos pássaros todos foram destruídos e muitos animais morreram.

Na árvore maior do bosque morava a Mãe Natureza e eles derrubaram a árvore. Dava até medo de ver aquela árvore enorme e florida caindo no meio do bosque.

A Mãe Natureza gritou:

– O que vocês fizeram com minha árvore? O que vocês estão fazendo com minha família?

Aqueles seres estranhos falaram:

– Quem é você?

– Eu sou a Mãe Natureza e vocês destruíram o meu lar!

Ela ficou desesperada e pediu socorro para a fada madrinha.

A fada mandou um menino chamado Vitor para ajudar no bosque. Ele era um menino muito bondoso.

A fada disse:

– Vitor, precisamos muito da sua ajuda no bosque. Corra para lá! É urgente!

Chegando no bosque, Vitor conversou com aqueles seres maldosos que acabaram com quase toda a natureza. Explicou a importância das plantas, dos animais e dos rios para todos nós e que a nossa sobrevivência depende de todos esses seres.

Eles ficaram arrependidos e toparam ajudar a reconstruir o bosque.

O Vitor tinha uma semente mágica guardada no seu bolso, que a fada tinha dado pra ele. Rapidamente ele plantou essa semente e cresceu novamente a grande árvore da Mãe Natureza.

E assim, depois da reconstrução, todos viveram em harmonia e aqueles animais estranhos chamados seres humanos aprenderam a lição e nunca mais fizeram mal para o bosque.

## 5º lugar pré-mirim – Júlia Raíssa Ferreira Bueno

### Bosque encantado

Era uma vez um bosque encantado, onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da mãe natureza, com seus bichinhos, plantas e rios.

Todos viviam em perfeita harmonia, quando, de repente, algo terrível aconteceu.

Um terrível dragão de duas cabeças havia acordado de mau humor e resolveu que tudo deveria ser destruído, que o belo bosque encantado, deveria ser consumido em chamas, que seus animais seriam extintos e seus rios e nascentes secariam.

Quando estava se preparando para começar a destruição, uma luz brilhou no fundo da caverna onde habitava. Furioso, lançou chamas e urrou para saber quem ousava entrar em sua caverna.

– Sou eu, a Fada Madrinha da Mãe Natureza. Por que está tão furioso?

– Por que você está interessada? Fora daqui! – respondeu o dragão.

– Estou aqui para lhe ajudar a sair desta caverna e contemplar toda a beleza que a Mãe Natureza pode lhe mostrar. Você também pode conviver em harmonia com os outros animais que vivem no bosque.

Aos poucos o dragão foi ficando calmo e ouvindo todas as maravilhas que o bosque continha.

– Será que me aceitariam lá no bosque? – indagou o dragão.

– Claro que sim! Venha, me acompanhe e veja com seus próprios olhos.

E assim a Fada Madrinha do bosque encantado, conseguiu convencer o dragão a não destruir a mãe natureza e tudo o que nela existe.

## 6º lugar pré-mirim – Kauan Vieira Brito

### A Mãe Natureza

Era uma vez um bosque encantado, onde uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da mãe natureza, com seus bichinhos, plantas e rios. Todos viviam em perfeita harmonia, quando de repente, algo terrível aconteceu.

Chegaram alguns vilões cortando as árvores que tinham lá, jogaram lixo nos rios onde os animais bebiam água, a Mãe Natureza ficou muito triste e resolveu expulsar os vilões:

- Saiam daqui vilões malvados!
- Nunca, Mãe Natureza.
- Você não vai sair? Então aguarde...

A Mãe Natureza jogou um feitiço e os transformou em flores e árvores. Depois de muito tempo, a mãe natureza libertou os vilões que aprenderam a lição e passaram a respeitar até a menor formiguinha que caminhava na rua.

## 7º lugar pré-mirim – Natália Roberta dos Santos

### A fórmula mágica

Era uma vez um bosque encantado, onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da Mãe Natureza, com seus bichinhos, plantas e rios.

Todos viviam em perfeita harmonia, quando, de repente, algo terrível aconteceu!

Uma bruxa malvada lançou um feitiço sobre todos os habitantes do bosque, principalmente na fada madrinha. Que logo ficou doente, e não tinha forças para cuidar dos animais e das plantas.

O bosque encantado estava perdendo sua beleza, as plantas estavam morrendo, os rios estavam secando e os peixes morrendo, todos ficaram muito tristes.

Procuraram a mãe natureza e com o livro de magia da fada madrinha, ajudaram a curá-la. A fada madrinha já curada, vendo aquela situação decidiu lutar com todas as suas forças na esperança de encontrar uma fórmula mágica para destruir o feitiço da bruxa.

Depois de muito e muito tempo, procurando uma fórmula mágica, fada encontrou uma solução que iria inverter aquela situação, juntou as fórmulas do carinho, do amor e da proteção e espalhou sobre o bosque, desfazendo o feitiço da bruxa e todos viveram felizes para sempre.

## 8º lugar pré-mirim – Gustavo Carboni Avelino

### A FUMAÇA E O BOSQUE

Era uma vez um bosque encantado, onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da mãe natureza, com seus bichinhos, plantas e rios.

Todos viviam em perfeita harmonia, quando, de repente, algo terrível aconteceu! Saiu fumaça de uma fábrica e uma nuvem imensa cobriu o bosque, os animais ficaram assustados, começaram a tossir e não enxergavam direito. Todas as plantas, flores e árvores apodreceram e uma camada de poeira cobriu o rio, os peixes tentavam descobrir o que estava acontecendo e não conseguiam.

A fada madrinha estava dormindo e acordou com o barulho, ela ficou preocupada com toda a fumaça e decidiu usar magia, saiu voando e viu de onde vinha a nuvem de fumaça. Vinha de uma fábrica de carvão, pegou sua varinha e disse:

– Misca musca, magia aconteça, que essa fumaça vire uma princesa. Surgiu uma linda menina, todos os animais ficavam se perguntando:

– Quem é essa princesa?

– Sou a Princesa do Bosque, toda a fumaça que aparecer por aqui se transformará em brilho para o meu vestido.

O vestido da princesa ficava cada vez mais bonito e brilhante e os animais viveram felizes no bosque limpo. Com todo o brilho, as árvores, plantas e flores ressuscitaram e deixaram o bosque ainda mais lindo. E assim é a vida até hoje no bosque encantado.



## 9º lugar pré-mirim – Catarina Beteli Queiroz

### Uma luta diferente

Era uma vez um bosque encantado, onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da Mãe Natureza, com seus bichinhos, plantas e rios. Todos viviam em perfeita harmonia, quando, de repente, algo terrível aconteceu!

O Rei Sombra que há muito tempo havia sido preso pela fada madrinha em uma caverna bem fria, escura e distante do bosque por prejudicar a Mãe Natureza, estava tentando destruí-la! Ele conseguiu sair porque recebeu ajuda de gnomos mal humorados que haviam gostado de seu plano, eles gostaram tanto, tanto, que resolveram participar. Mal eles sabiam que estavam sendo enganados, e sua casa também seria destruída, mas isso porque, como o Rei sombra, tinham ódio no coração. Eles começaram a destruir tudo que avistavam pela frente. Por onde o Rei Sombra e os gnomos passavam o amor, a paz, e a tranquilidade... se transformavam em tristeza, mal humor e caos.

Ah! Como era triste viver naquela época, vendo casas e plantas serem destruídas, animais sendo caçados, enfim a maior tristeza!

Até que um dia, a fada madrinha achou um jeito de salvar o bosque, ela resolveu que iria lutar com o Rei Sombra, mas um tipo de luta diferente. Em vez de lutar com violência, ela lutaria com amor, sendo carinhosa, bondosa e gentil com o inimigo, porque sabia que ódio e violência só deixariam o rei mais forte, e não é que deu certo!

O Rei Sombra nunca mais foi visto, o bosque voltou a ser como era antes, os gnomos mal humorados passaram a ser bem humorados e todos viveram felizes para sempre.

## 10º lugar pré-mirim – Adrielle dos Santos Atanzio

### A fada boa e a fada má

Era uma vez um bosque encantado, onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da mãe natureza, com seus bichinhos, plantas e rios.

Todos viviam em perfeita harmonia, quando, de repente, algo terrível aconteceu.

Uma fada madrinha má que não gostava da bondade apareceu e prendeu a fada madrinha boa do bosque encantado.

No dia seguinte a fada má cortou as árvores para que o ar ficasse poluído, destruiu os ninhos, jogou lixo no bosque inteiro, prendeu os animais e passou a ser a dona de tudo que tinha sobrado.

A fada má estava muito feliz por ter destruído o ambiente, mas se sentia no fundo do seu coração que sua atitude estava errada mas continuava a fazer coisas ruins.

Um dia a fada má percebeu que vivia sozinha não tinha ninguém para conversar a não podia mais realizar maldades pois estava totalmente sozinha .

Então a fada tomou uma decisão começou a consertar o bosque encantado, soltou a fada madrinha que estava presa há muitos anos e pediu sua ajuda dizendo que estava arrependida do que fez, e começou a mudar tudo.

As duas fadas ficaram muito amigas e tudo voltou a ser um bosque encantado e a fada má juntamente com a mãe natureza passou a ser protetora da natureza e de todos que ali moravam.

## 11º lugar pré-mirim – Thomas Terceiro de Jesus

### Os legos heróis ajudam a mãe natureza

Num piscar de olhos tudo desapareceu, era como se nada existisse. Apenas eu em uma página em branco.

Comecei a correr e a procurar meus amigos quando encontrei uma árvore amiga. Eu fui em sua direção e disse:

– O que aconteceu, onde estão todos?

Ela respondeu:

– Não sei! Eu estava conversando com minha irmã Jéssica, quando de repente isto aconteceu!

– Quem será que está por trás disso? Perguntei.

Assim que disse isso apareceu um pontinho no cantinho, tão pequeno, que era quase invisível. Chegaram perto e perguntaram quem era.

– Sou eu, a fada madrinha! Disse ela.

– Estou muito fraca, vocês precisam encontrar os humanos, pois eles estão destruindo todo o bosque com suas construções enormes! Vocês precisam pedir ajuda aos legos heróis.

– Aquelas invenções humanas que dá para montar e desmontar? Perguntaram.

– Sim, corram e peçam ajuda!

Os dois amigos saíram então a procura dos legos heróis, passaram por vulcões, construções onde finalmente encontram um pequeno portal. Entraram pelo portal e lá estavam os legos heróis. Eles explicaram o que estava acontecendo.

Os legos heróis foram imediatamente para o local do bosque desaparecido e com as suas naves, lançaram peças nos humanos de preservação, consciência e amor, transformando assim a página em branco no maravilhoso bosque encantado.

Os legos heróis, mostraram aos humanos a importância de cuidar da natureza evitando assim o fim do planeta.

## 12º lugar pré-mirim – Ana Laura Aleixo Domingos

### Tocando corações

Era uma vez um bosque encantado, onde havia uma fada madrinha muito preocupada em cuidar da mãe natureza, com bichinhos, plantas e rios.

Todos viviam em perfeita harmonia, quando de repente algo terrível aconteceu.

A fada madrinha estava passeando no bosque muito feliz e começou a olhar a sua volta, percebendo que a natureza estava mudando. Os rios estavam secando, as árvores sumindo e os bichinhos já não estavam mais lá.

De tanta tristeza, a fada entrou em desespero e corria de um lado para o outro, pensando no que poderia fazer.

De repente, avistou um homem e pediu-lhe ajuda, que sem se importar, a deixou falando sozinha. Então a fada teve uma grande ideia! Decidiu fazer uma mágica com a sua varinha de condão para tocar o coração de cada criança do planeta, fazendo-as cuidar da mãe natureza. E ela conseguiu!

As crianças começaram a plantar árvores, flores, cuidar dos rios e amar os bichinhos. A mãe natureza voltou a ter vida, o bosque a ser encantado e a fada ficou muito feliz.

## 1º lugar mirim – Julia de Souza Prestes

### A Extinção do Homem

Numa noite fria, em um vilarejo próximo à floresta amazônica, um jovem bicho preguiça se viu sozinho na mata, sem família e então se pôs a chorar. Estava sofrendo muito, pois seus pais estavam mortos. Eles haviam sido atingidos por caçadores que queriam sua pele e por sorte o jovem conseguiu escapar:

– Eu ainda vou me vingar desses homens...

Passaram-se anos e o bicho preguiça seguiu com sua vingança, reunindo animais que corriam grande risco de extinção para lhe ajudar nessa missão. Conseguiu reunir mais seis animais de espécies diferentes: era uma onça-pintada, uma arara-azul, um tamanduá-bandeira, um lobo-guará, um macaco-aranha e um mico-leão-dourado, ambos ameaçados de extinção.

O plano era acabar com todo tipo de alimento consumido pelo homem, principalmente suas fontes de proteína. Então, os animais que faziam parte da missão se prepararam para começar a libertar o gado e levar para floresta, e também a atacar as fazendas e plantações.

O bicho preguiça que comandava deu uma função para cada envolvido:

– Onça-Pintada e Lobo-Guará, vocês serão encarregados de soltar o rebanho e trazer para a floresta, mas sem comer! Arara-Azul, você será encarregada de observar o território inimigo e avisar se houver perigo. Tamanduá-Bandeira, você será encarregado de levar um ataque de formigas para as plantações, depois você pode comer... Mico-Leão-Dourado e Macaco-Aranha, vocês serão encarregados de espalhar armadilhas contra os caçadores e traficantes, para assim acabar com o trabalho deles e de quem entrar na floresta.

Depois de decidir as funções, o trabalho começou. Finalmente, a Preguiça via sua vingança se realizar e disse:

– Agora essas pessoas terão o que merecem, pois tiraram nossa família e agora tiraremos o alimento delas.

Então tudo que era do homem voltou para a natureza e o ser humano se viu na mesma situação dos animais que havia prejudicado – não havia alimento, ninguém conseguia entrar na mata e as pessoas estavam sendo atacadas pelos animais – o homem seria extinto.

FIM

MORAL: Não maltrate o que você mais precisa, pois um dia a vida pode te dar o troco.

## 2º lugar mirim – Rhayany Isabelly Silvestre da Matta

### ENCERRA O PERIGO NA SERRA

Em uma linda manhã de sol na Serra do Japi, como de costume, os animais começavam a despertar para mais um dia.

Como de costume, todas ouviam a melodiosa voz da cobra, que adorava despertar cantando, mas naquela manhã os gritos da maritaca abafaram o canto da serpente:

– Hoje é meu aniversário, vou dar uma grande festa e todos os animais estão convidados!

Quando a tarde começou a cair, toda a bicharada se juntou a maritaca, a onça parda era a mais animada, enquanto a cobra cantava ela dançava sem parar, nunca se tinha visto uma festa tão boa quanto esta.

Porém ao voltarem da festa, precisavam atravessar um lago próximo de uma cachoeira e o lobo guará sempre desconfiado, observou:

– Tem algo errado com esta água, vejam quanto lixo.

O ouriço sempre espinhoso retrucou:

– Isso é coisa do bicho homem, eles adoram cachoeiras, mas alguns não têm consciência ecológica, precisamos tomar providências!

A Suçuarana que era líder do grupo nomeou um tucano para bolar um plano capaz de afastar os humanos do santuário dos animais.

Toda vez que as pessoas se reuniam na cachoeira e deixavam lixo, enfrentavam os espinhos deixados pelo ouriço, o Guará roubava os lanches, a onça parda dava miados horripilantes e a cobra coral, que nem era a verdadeira, portanto não tinha veneno, aparecia dando botes ameaçadores.

Embora isso incomodasse as pessoas, eles continuavam poluindo, pois os animais agiam um de cada vez. Então a maritaca teve uma ideia:

– Vamos nos unir e todas as noites a gente arrasta o lixo e deixa perto do posto da guarda municipal!

No começo os guardas não entenderam de onde vinha o lixo, mas com o passar do tempo começaram a seguir as pegadas deixadas pelos animais e descobriram a origem.

Então, mesmo sem entender que os animais estavam organizados e queriam chamar a atenção, foi proibida a entrada de humanos na área de reserva, deixando os animais e a serra viverem em harmonia.

Em uma noite, quando todos os animais estavam reunidos ouvindo a cobra cantar, o tucano tomou a palavra:

– Queria pedir desculpas porque meu plano não deu certo.

Então a maritaca, sempre tagarela, mas muito inteligente disse:

–Seu plano não falhou, foi apenas uma ideia para nos mostrar que não podemos agir sozinhos, que somente nos importando com os problemas dos outros podemos conseguir viver em paz.

**MORAL: NENHUM ANIMAL É TÃO BOM, QUANTO TODO O ECOSSISTEMA JUNTO!**

### 3º lugar mirim – Davi Picarelli Perez da Silva

#### A lição do macaco

Certo dia um macaco estava passeando pela floresta, pulando de galho em galho quando viu um homem cortando algumas árvores. Indignado, foi falar com ele:

– Ei, não derrube as árvores se não o planeta Terra pode até virar um deserto! Porém o homem, ignorando o macaco, continuou cortando as árvores.

No dia seguinte lá estava o homem cortando mais árvores e o macaco, insistindo em tentar convencer o homem de não destruir a floresta, foi falar com ele novamente:

– Por favor, homem, não derrube as árvores. Elas produzem oxigênio para que possamos respirar, são as casas de vários animais e também protegem o solo do sol e da chuva. Mas novamente, nada adiantou. O homem nem deu ouvidos ao macaco e até o espantou de lá.

Depois de alguns dias pensando em resolver esse problema, o macaco viu uma grande área da floresta desmatada. Uma clareira enorme, onde o homem havia cortado todas as árvores que havia ali. Viu seus amigos animais que antes habitavam nas árvores, agora sem casa, procurando lugar para morar e resolveu dar uma lição no homem. Pegou uma tesoura, cortou todo o seu cabelo enquanto dormia e deixou o homem carequinha.

Quando amanheceu, o homem foi novamente cortar as árvores sem dó, sem perceber que estava careca.

O dia estava quente e o sol estava muito forte e quando chegou o fim do dia o homem percebeu que sua careca estava ardendo e muito vermelha por causa do sol. Sem pensar duas vezes o macaco disse ao homem:

– Viu só, se você cortar as árvores a terra ficará sem proteção, igual a sua cabeça sem os cabelos. A partir daquele dia o homem nunca mais cortou árvore nenhuma. Em vez de destruir, começou a reflorestar a área em que havia destruído e percebeu que precisava proteger a natureza porque ela é a fonte da nossa vida.

**MORAL DA HISTÓRIA:** Cuide do Planeta porque ele cuida e protege você.



#### 4º lugar mirim – Felipe Henrique de Lima

##### Animais unidos jamais serão vencidos!

Dia ensolarado! Os bem-te-vis encarregados pelo som da manhã já ensaiavam sobre os fios da rua 4. Os patos, Fred e Lola, faziam um nado sincronizado no lago do parque e o Mico, cheio de energia, já se exibia para as crianças que passeavam no parque pulando de galho em galho. Tudo estava dizendo que seria mais um dia comum no parque da cidade, até que um barulho estranho e muito alto estragou o canto dos bem-te-vis e acabou com o nado de Fred e Lola. Um gigante de aço apareceu no meio do parque. Ele tinha 8 rodas enormes, um braço, garras afiadas e um humano sentado dentro da sua boca mexendo os dentes.

Ninguém estava entendendo porque aquilo estava ali, até que a gazela aos gritos reuniu todos os animais do parque para avisar sobre o gigante. - Gente! Gente! O prefeito mandou derrubar as árvores do parque para construir uma estrada aqui! Nós vamos morrer! Nós vamos morrer!!

Meu coração estava disparado, a ponto de saltar pela boca! De repente o Mico pilou na frente do gigante e começou a bater no peito gritando para que o gigante saísse. A coragem do Mico foi um sucesso. Fred e Lola viraram o rabo para o monstro e balançaram as penas para tentar intimidá-lo, mas sem sucesso.

Todos os animais do parque começaram a se juntar na frente dele. Eu pensei: O que adianta! Eles não vão se intimidar! Na mesma hora meus amigos viram as costas para o gigante e olharam para mim e gritaram: Diego, vem nos ajudar! Aos animais unidos jamais serão vencidos! A gente precisa de você! Aquele foi o incentivo que eu precisava.

Tomei coragem, sai de traz da árvore e corri para frente deles. Chegando lá os homens que estavam com o gigante ficaram paralisados. Eu tremendo de medo, mas eles mais ainda. Enchi meus pulmões de ar e gritei: Saiammm daquiiii!!!

Não acreditei no que havia acontecido. Todos saíram apavorados. O gigante de aço ligou o motor e saiu com tanta pressa que esmagou um carro que estava no estacionamento. Animais unidos jamais serão vencidos!

Desde aquele dia todos me considerava o rei do parque, pois meus pais já eram conhecidos como reis da selva.

### PROBLEMAS DE FAMÍLIA!

Em uma linda tarde de verão na Serra do Japi, dois irmãos muito espertos, filhotes de uma linda e experiente jaguatirica brincavam alegremente enquanto eram observados de longe pela zelosa mãe.

Um deles olhando ao longe perguntou para sua mãe:

– O que tem depois do bosque dos pinheiros? Por que os animais da serra são proibidos de irem até lá? Vamos lá qualquer dia desses?

A mãe dos filhotes, confusa e surpresa disse:

– Ah... Filha, tem um viaduto que é muito perigoso, eu não gostaria de ir até lá, mas como conheço a curiosidade de vocês, então vou leva-los até lá, pois não quero que corram riscos desnecessários, o bicho homem é muito perigosos.

Enquanto caminhavam em direção ao bosque dos pinheiros, as pernas da jaguatirica mãe tremiam de aflição e só ficou mais calma quando encontrou a maritaca e o lobo guará:

– Aonde vai esta linda família? Perguntou a falante maritaca.

Um dos filhotes respondeu orgulhoso:

– Vamos além do bosque dos pinheiros observar o bicho homem!

Os dois se ofereceram para irem juntos e a jaguatirica ficou mais tranquila, pois o guará era um animal cauteloso e a maritaca com seus gritos chamava a atenção de todos.

Quando avistaram o viaduto da movimentada estrada, a jaguatirica deu sinal para que todos parassem, um dos filhotes curioso como sempre, apontando para um riacho cochichou:

– Tem alguns seres humanos com umas coisas estranhas na água! Veja aquelas manchas, o que é aquilo?

A maritaca, que sempre visitava a cidade em seus voos, disse:

– Nossa, são garimpeiros! Estão procurando pedras brilhantes, aquela mancha é óleo, vai contaminar toda nossa água!

Os animais voltaram correndo para a mata e a maritaca avisou a todos o que estava acontecendo. O lobo que era o mais inteligente, embora discreto tinha um plano para expulsar os homens e proteger a água da reserva:

– Vamos atacar em grupos, os insetos por serem pequenos atacam diretamente, as cobras, aranhas e outros bichos venenosos se exibem, apenas para assustar, cuidado para não serem pegos. As aves sobrevoam nos alertando dos perigos e nós os mamíferos, atacamos a noite, destruindo seus alimentos e equipamentos.

Durante o dia os homens ficaram cheios de marcas de tantas picadas de mosquitos e com inchaços pelas picadas de abelhas e marimbondos, eles também não conseguiram dormir a noite pois além do medo de cobras e bichos venenosos, os micos e macacos e quatis atacaram a comida, enquanto os animais maiores rasgavam tudo que viam pela frente.

Em pouco tempo os garimpeiros arrumaram suas coisas e tentaram sair de onde estavam, mas os animais chamaram tanta atenção que a polícia florestal resolveu fazer uma vistoria na serra e acabou prendendo os poluidores.

Os animais comemoraram o acontecimento com uma grande festa e embora continuem mantendo distância dos seres humanos, sempre algum deles vai até o bosque dos pinheiros para verificar se está tudo em ordem.

**MORAL: CUIDE E PROTEJA, POIS NÃO PERTENCE A NINGUÉM PORQUE É DE TODOS!**

## 6º lugar mirim – Lucas de Souza Brito

### A REAÇÃO DOS ANIMAIS

Numa bela tarde enquanto o sol estava se pondo, o vento soprava em direção ao horizonte. A Serra do Japi era naquele momento uma paisagem que lembrava uma obra de arte, acompanhada do canto de alegres passarinhos.

Então um lindo balão cheio de cores rasgou o céu, parecendo que veio do nada caiu repentinamente no meio da floresta. Os animais, especialmente o João de barro observavam atentos e preocupados. O balão foi murchando e de repente a floresta estava em chamas, todos os animais terrestres fugiram apavorados e as aves voaram para bem longe.

Aquela noite na serra foi horrível, enquanto os bombeiros tentavam controlar o fogo, vários animais morreram queimados e outros intoxicados pela fumaça. Somente quando o dia já estava amanhecendo é que o incêndio foi controlado.

Então o João de barro que viu desde o começo como tudo aconteceu se uniu a onça suçuarana e começaram a discutir para encontrar uma forma para que isso não acontecesse mais.

Como não conseguiam chegar a uma conclusão, o João de barro colocou todos os pássaros para vigiar e tentarem descobrir de onde vinham os balões.

Quando os pássaros vigias estavam trocando de turno, descobriram um grupo de humanos se preparando para soltar um grande balão. Então o João de barro disse:

- Vamos lá suçuarana, hora de colocar o plano em ação.
- Vou avisar as cobras e aos insetos o ponto de reunião para o ataque! Disse a onça.

Em pouco tempo o local estava repleto de cobras, vespas e marimbondos, que atacavam os humanos furiosamente, enquanto alguns fugiam assustados, um deles registrou tudo e postou na internet. O vídeo virou a sensação e as pessoas mesmo sem entender direito, fizeram uma grande manifestação contra o ato de soltar balões e também ficou mais fácil para a guarda localizar os grupos de baloeiros, deixando os animais da reserva mais felizes e livres de outros incêndios.

**MORAL: SE PENSAR NA RESERVA ANIMAL, VAI SABER QUE BALÃO SÓ CAUSA O MAL.**

## 7º lugar mirim – Felício Antônio Martins Dias

### Julgamento na Floresta

Um belo dia no reino dos animais, tudo estava tão calmo e em perfeita harmonia, a raposa Íris ia passando do lado de cima do rio observando as montanhas ao fundo e próximo as margens as grandes árvores centenárias, quando Luna, a coruja, veio voando como um raio, no meio da tempestade, e muito ofegante exclamou:

– Íris, Íris, me ajude, por favor!

– O que foi que aconteceu? Perguntou a raposa.

– É uma queimada no lado sul, eu consegui salvar meus filhos e outros animais, mas estou procurando ajuda porque há muitos outros em perigo, temo por eles, venha rápido.

– Vamos logo então, disse a raposa, não temos tempo a perder!

Chegando lá tiveram a grata surpresa de verem vários outros animais ajudando a combater o fogo, mas as chamas estavam altas, o fogo consumia tudo e muito rápido. Elas e os outros trabalharam arduamente e com muita coragem conseguiram combater a queimada e tudo terminou bem.

Após esta batalha e felizes pelo sucesso, descobriram que o autor da tragédia foi o leopardo Ricardo, que nunca levou nada a sério. As duas foram para a delegacia dos animais com o desejo de denunciarem o ato de Ricardo ao tigre Diego. Quando elas saíram de lá, foram direto ao rio encontrar com o advogado de Íris, o sapo Guilherme para contar os fatos. Ela contou também que assim como Ricardo, as duas foram convocadas ao tribunal de Matheus, o leão.

Então, no dia do julgamento, estavam todos no tribunal, Matheus, Ricardo, dona Amanda, sua advogada, a arara, Íris e Guilherme. Matheus chamou a sua primeira testemunha e assim foi ouvindo as partes e se inteirando dos fatos... O julgamento durou mais de duas horas e no final, Ricardo não foi preso, mas foi condenado a fazer dois anos de serviço comunitário em toda a floresta, além de ser responsável por manter todas as nascentes bem cuidadas.

Moral: “Trate a natureza com seriedade, não a destrua, pois depois o que virá não é arrependimento, mas sim as consequências de uma vida sem ela.”

## 8º lugar mirim – Caroline Gabrielly Moraes

### Fábula: O coelho e a formiga

Num belo dia, uma formiga trabalhava em seu formigueiro quando um coelho apareceu e disse:

– Que belo dia dona formiga! Como vai a senhora?

– Nós formigas estamos muito cansadas, a água acabou e o sol ficou mais forte, não temos água para beber e nem para regar as plantas!

– Olha só o estado das plantas, estão todas secas! – disse a formiga.

– Bem, então estamos sem água, por isso que está esse calor todo! – falou o coelho.

– Nós todos estamos com sede e com calor, às flores estão murchando, as árvores estão caindo e tudo está morrendo na floresta. – disse dona formiga.

– Isso é verdade mesmo! Até a minha toca está desmoronando, deve ser esse calor por falta de chuva!- disse o coelho para a formiga.

O coelho teve um plano para acabar com a falta de água e ajudar os animais. Pensou como poderiam juntos para que tudo voltasse ao normal.

O coelho disse para dona formiga:

– Podemos juntar todos os animais e preservar a natureza!

– Como podemos fazer isso? – disse dona formiga.

– Vamos conversar com todos os animais da floresta para que eles recolham a água da chuva e armazenem na piscina vazia ao lado do bosque. – disse o coelho.

O coelho chamou todos os animais da floresta para contar que tinha um plano para ajudar a salvar a natureza. Então ele explicou:

– Quando começar a chover cada animal vai pegar um balde e vai colocar para encher com água da chuva, assim podemos guardar em um lugar bem grande, na piscina vazia do bosque. – disse o coelho para os animais.

Todos concordaram com o coelho, eles começaram a pegar seus baldes, quando de repente o céu ficou escuro.

– Olha a chuva! Seu coelho! – disse dona formiga.

Neste momento, todos os animais começaram a recolher a água, todos os baldes estavam cheios, o coelho ficou muito feliz em ver o trabalho deles para ajudar a floresta.

Assim, todos se alegraram ao ver que as flores voltaram a florescer, as árvores ganharam vida novamente e tudo voltou ao normal, pois agora eles tinham água por um bom tempo.

Moral da história: "Trabalhar em equipe faz a diferença para salvar a natureza."

## 9º lugar mirim – Maria Eduarda Vilares Lhamas

### Fogo à vista

Em uma floresta muito bonita cheia de árvore e plantas, viviam muitos animais.

Mas essa floresta tinha um problema, lenhadores estavam cortando árvores para fazer móveis.

Eles vinham sempre no final da tarde e destruíam a casa de algum animal.

O coelho falou para a coruja:

– Você viu?

– O que? – perguntou a coruja.

– Mais uma casa foi destruída. Dessa vez foi a dos esquilos, eles já estão mudando para outra floresta.

– Sério!

– Seríssimo! – respondeu o coelho.

Mais um dia e os animais só falavam sobre a situação das árvores cortadas.

Como sempre os lenhadores foram de novo à floresta, mas dessa vez um deles estava fumando, e quando eles estavam indo embora, com muitas árvores cortadas, o lenhador descuidado jogou o cigarro no chão e foi embora.

No começo da noite os animais começaram a ver um fogo que ficava cada vez maior. Tanto que alguns animais quiseram apagar o fogo e acabaram morrendo. Quanto mais o fogo se espalhava, mais as árvores queimavam. Até que o fogo chegou no abrigo onde os lenhadores ficavam.

O fogo destruiu todas as cabanas onde moravam os lenhadores. Os animais fugiram deixando todos seus pertences para trás, pois estavam assustados com o que aconteceu.

Os lenhadores também foram embora porque o fogo queimou todas as árvores e eles não tinham mais nada a fazer naquele lugar.

Não devemos machucar a natureza, pois nela existem vidas, árvores, animais e muitas riquezas.

Moral: Na natureza não devemos mexer, pois nela está a maior força do planeta.



## O LOBO MAU E A NATUREZA

Havia uma floresta onde os animais viviam em perfeita harmonia com a natureza.

As águas dos rios eram limpas e cristalinas, as árvores eram cheias de flores e frutos, os pássaros cantavam alegremente.

Certo dia apareceu um lobo mau. Ele andava pela floresta espalhando lixo por todos os cantos. Os animais estavam apavorados.

Numa tarde de muito calor, a raposa estava se refrescando à beira do rio quando o lobo apareceu. E sem a menor cerimônia, jogou dentro do rio, vários sacos de lixo.

Dona raposa, indignada disse:

— Você está maluco? Jogando lixo no rio, você estará contaminando as águas e matando os peixes!

— Deixe de bobagem comadre raposa! O rio é muito grande e esse lixo não fará diferença alguma – disse o lobo, fazendo pouco caso da raposa.

E o lobo continuava aprontando das suas...

Cortava árvores para fazer lenha para sua lareira, colocava fogo no mato com preguiça de carpir, desperdiçava muita água e jogava muitas embalagens e garrafas de sucos e refrigerantes pela floresta.

Os animais que viviam ali reprovavam seu comportamento.

Certa noite, já cansado de andar pela floresta, resolveu voltar para casa e foi dormir.

Dormiu rapidamente e teve um terrível pesadelo.

Sonhou que estava com muita sede e foi beber água, mas a água do rio estava muito suja e amarga.

Os peixes estavam mortos, boiando na água.

O lobo com muita sede e também com muita fome, começou a caminhar pela floresta em busca de alimentos. Mas as árvores estavam secas, não tinham um fruto sequer, a floresta estava vazia e sem vida.

Todos os animais tinham ido embora.

O sol estava muito quente e não havia nem uma sombra onde o lobo pudesse se abrigar. Em vários pontos da floresta, havia focos de incêndio e ele mal conseguia respirar.

O desespero tomou conta do lobo, que arrependido jurava nunca mais maltratar a natureza.

O lobo gritava por socorro.

Os animais da floresta, ouvindo aqueles gritos, vieram todos para ver o que estava acontecendo.

Com toda aquela movimentação, o lobo acordou e percebeu que tudo não passara de um sonho.

Aliviado, contou seu sonho e prometeu diante de todos os animais, que a partir daquele dia, seria um amigo da natureza.

Moral da história: "Quem destrói a natureza, destrói seu próprio futuro"

## 11º Lugar mirim – Vinicius Borges Pohl

### Poluição perigosa

Certa vez um grupo de amigos decidiu fazer um passeio em contato com a natureza.

Se reuniram para tratar de como seria feita essa exploração.

Tinham que pensar em tudo, o que levar pra se alimentarem, como seria o passeio no meio da mata, o contato com os animais e até a possibilidade de alguém se perder.

Depois de muita conversa decidiram todas as estratégias para o passeio ser muito legal.

Enfim chegou o grande dia, todos chegaram no horário marcado e iniciaram a exploração.

Chegando na mata ficaram encantados com a beleza do local. Gostaram tanto da natureza que ficaram um bom tempo observando.

O local era habitado por vários animais: macacos, tucanos, esquilos, cobras e vários pássaros.

Cansados de tanto andar, resolveram fazer uma parada para tomar um lanche. Depois da refeição notaram que haviam esquecido as sacolinhas para o lixo. Decidiram então deixar o lixo produzido por eles, perto do rio.

Os animais observavam a movimentação do grupo. Quando os amigos resolveram caminhar novamente, os animais aproveitaram para ir até o acampamento dos amigos para ver o que tinha lá.

O tucano, o mais curioso, atraído pelo brilho da latinha de refrigerante, começou a bicá-la. Coitado! Seu bico foi todo quebrado pelo lacre da latinha. O macaco, o mais danadinho, enfiou a cabeça num saquinho de batatinhas. Os esquilos, tão serelepes, quase engasgaram, quando tentaram comer as tampinhas das garrafas de refrigerante, pensando que eram frutinhas.

Que cena triste! Todos os animais pensaram que ali encontrariam comida. Mas não, só encontraram “dor no bico”, “dor na garganta” e “dor no pescoço”.

Depois de ver o que tinha no acampamento os animais voltaram de lá assustados e machucados.

Voltando da caminhada, o grupo percebeu a maldade que haviam causado aos animais da floresta e aprenderam que não se deve jogar lixo em qualquer lugar.

## 12º Lugar mirim – Lívia Gomes de Oliveira

### A poluição da natureza

Numa vila bastante populosa moravam muitos animais que eram extremamente zelosos com o meio ambiente. Eles viviam recolhendo, dia e noite, o lixo que era jogado nas ruas. Entre esses animais tão bem educados vivia um coelhinho muito alegre e simpático, mas também muito sujo chamado Fofucho.

O coelho Fofucho adorava comer guloseimas, mas havia um problema: depois de saboreá-las o comilão jogava todas as embalagens vazias no chão. E como se não bastasse ter uma mania tão feia ensinava aos seus filhotes que jogar lixo no chão não tinha problema, tanto que seu apelido entre seus amigos era Porcucho.

Vendo seu amigo tendo esse comportamento, alguns animais da vila começaram a copiá-lo. Sendo assim, em pouco tempo o lixo foi se acumulando e o local que antes era um verdadeiro paraíso transformou-se num caos total, causando assim a morte de várias espécies de animais.

Todos da vila já haviam percebido algo de estranho menos o coelho que continuava a poluir. Os colegas do coelho já haviam o avisado da situação da vila, mas ele não deu ouvidos.

Depois de algumas semanas o coelho começou a jogar lixo em outras vilas até que num belo dia os moradores de outras vilas se reuniram e foram falar com o coelho:

– Sr. coelho, o senhor sabia que está poluindo a natureza?

– Poluindo? Eu?

– Sim!

– E daí?

– E daí que isso pode acabar com todos os animais e pessoas.

– Verdade?

– Sim, essa é a mais pura verdade.

– Oooohhh, não sabia que isso podia nos prejudicar...

– Mas vai, ou melhor, já está nos prejudicando.

– Sinto muito, peço mil desculpas!

– Está desculpado apenas se parar de poluir.

– E como eu faço isso?

– É simples, basta apenas jogar lixo no lixo!

– Isso é muito fácil, pensei que fosse mais difícil, prometo nunca mais poluir nada.

– Ficamos todos felizes ao ouvir isso Sr. Porcucho!

– Porcucho!!?? Quem é esse? A partir de hoje eu volto a ser o coelho Fofucho, amigo da mãe natureza!

Dito e prometido, dali em diante o coelho nunca mais poluiu nada, ganhando como prêmio muito mais amigos, pois agora havia duas coisas que o ex Porcucho gostava mais do que doces: e eram os amigos e a natureza.

Moral: Devemos sempre dar valor ao que temos e cuidar disso!

## 1º Lugar infantil – Pedro Augusto Sandei Xavier

### O renascer da fênix

Como todos sabem, nosso mundo é cheio de poluição, desmatamento, caça e outras coisas que destroem o planeta. Os verdadeiros responsáveis somos nós, os humanos. Porém, existe uma floresta mágica, onde apenas os animais podem entrar. É invisível aos olhos humanos e um refúgio para os animais perseguidos, que tem suas casas destruídas. A floresta é protegida pela magia de uma grande fênix que nenhum animal jamais viu, mas sabem que existe, pois todos os anos ela vem em forma de energia e ajuda nas colheitas, purifica a água, além de distribuir calor e cura aos animais adoecidos.

Certa vez vários animais foram acolhidos, porque a situação no mundo estava horrível, vários rios, matas e o próprio ar estavam poluídos, tornando a vida impossível lá fora. Foi também uma época difícil na floresta, a magia da fênix desaparecera tornando a proteção da floresta vulnerável. Foi aí que os humanos descobriram a linda floresta e imediatamente enviaram caminhões e aparelhos industriais e poluentes para coletar madeiras e desmatar, além de queimar quilômetros de matas para fazer plantações de alimentos para comércio. Poucos dias depois, carros estavam indo até a última floresta do mundo para despejar esgotos e lixo nas matas e rios. Um mês depois da grande descoberta, vários caminhões com concreto e asfalto chegaram ao local para construir um luxuoso condomínio.

Os animais resolveram fazer algo, pois o local que sobrara a eles, era minúsculo e logo seria exterminado pelos humanos, que cada vez mais apareciam. A fênix não aparecia, nem a presença dela mais sentiam, foi aí que algo bem pior aconteceu com os habitantes da floresta, uma doença respiratória se espalhou entre eles, resultado das grandes fábricas que haviam levantado ao lado. A água e as plantas para ajudar na cura, haviam acabado por causa dos inseticidas aplicados nas lavouras. Os malvados caçadores brincavam de tiro ao alvo com os animais mágicos, alguns tentaram resistir em nome da honra da floresta mas foram mortos pelas armas fatais dos experientes atiradores.

Os poucos os animais não infectados pela doença ou mortos pela ira dos caçadores, organizaram a grande batalha. No dia, todos chegaram com coragem para lutar. Marcharam contra o grande inimigo, mas quando chegaram, foram recebidos com tiros e flechadas mortíferas que dilaceraram a maioria. Os que restaram, perderam-se nas plantações, morrendo de fome e sede, outros caíram no rio e morreram afogados em meio ao lixo dos humanos, os demais foram mortos pela peste respiratória.

Um mês depois da revolta, uma cidade foi construída no local e acabou com a última ponta de floresta que existia. Mais um mês se passou e a situação da pequena cidade que ali se instalara piorou muito, pois as lavouras e plantações murcharam e o rio secou. Quando o prefeito estava quase desistindo, uma centelha acendeu-se dentro de seu coração e estendeu-se incendiando a cidade toda, mas não de forma destrutiva e sim de forma quente e harmoniosa, a grande fênix falou dentro do coração de cada um:

– Por que vocês destruíram a grande floresta que eu criei para refugiar os animais que vocês matavam ou expulsavam?

– Me desculpe, nós não queríamos perturbar sua vida ó grande fênix – disse o prefeito a si mesmo

– Vocês sabem o que significa fênix? Significa renascer das cinzas!

Neste momento os prédios se dissolveram em cinzas. Os humanos olharam maravilhados para magia da grande ancestral da natureza. Um vento varreu os restos e os humanos para longe, reconstruindo a cidade em outro lugar, de maneira pura e feliz. As florestas foram limpas, a água purificada, o ar ficou respirável de novo e no local da floresta mágica uma pequena folhinha nasceu no chão. Esta pequena folha semeada com carinho e paciência, deu origem a antiga e lendária floresta que continuou abrigando os animais, não mais refugiados, mas que iam até a floresta para pedir conselhos a grande fênix. Os animais que morreram na grande batalha foram acolhidos junto a alma da grande conselheira, que continuou a vagar pelo mundo, vendo sua grande criação.

## 2º lugar infantil – Luiz Henrique Longatto Adorno

### Pai Natureza

Em uma terra muito distante de contos de fadas, surge um conto diferente e novo. Este conto apresentará um homem que nunca desistiu e...

- Da pra ir logo com isso? Ninguém mais quer saber desses inícios chatos e demorados.
- Como assim? Você me ouve? Eu sou apenas o narrador, só estou fazendo meu trabalho.
- Claro que te ouço, sou o personagem principal... Agora, pula logo pra história, vai?
- Ok, como quiser... exibido.
- Eu ouvi isso, vai logo!

Era uma vez, em uma vila muito pequena chamada...

- Chato! – disse o personagem.
- Da para parar de me interromper?

Como eu dizia... Esta vila, foi a primeira vila com pessoas “conscientizadas” de todo mundo, quando o mundo ainda estava em formação. Nesta vila haviam trinta camponeses, e justamente um deles era apaixonado pela natureza, mas não era uma paixão qualquer, ele via a natureza como uma namorada dele. Mas Henry era apenas uma criança, todos levavam essa paixão como uma brincadeira.

O pai de Henry achava ele louco por essa obsessão e paixão pela natureza, então fez de tudo para tentar entender a perturbação do menino. Mas não sabia dizer o porquê desta paixão.

Certo dia, o pai de Henry resolveu conversar com o seu filho. E foi aí que começou a seguinte discussão:

- Filho, você não é mais criança, já tem 12 anos. Chega de falar sobre essa tal de “Natureza” que você vive falando! A natureza, meu filho, é fraca! Ela não tem nada de especial, ela é inútil.
- Pai, você acha que nós vivemos sem a Natureza? Imagina nosso mundo sem ela... sem o verde, sem os animais, sem o colorido. – respondeu Henry tentando convencer o pai.

Ouvindo isso, seu pai tirou suas conclusões e disse:

– Melhor ainda, não teria doenças por causa dessas plantas e nem mais ataques de animais. Poderíamos viver bem melhor! Quer saber, obrigado filho, vou fazer todos dessa vila ter o pensamento igual ao meu. Então o pai de Henry fez uma reunião com todos da vila e fez com que todos tivessem esse pensamento.

- Não merecemos mais ataques de animais selvagens!
- Sim! – gritou o pessoal da vila.



Todos começaram a incendiar a floresta que rodeava a vila e a matar todo o ecossistema.

– Lembro-me até da lágrima que caía no chão e meu olhar desesperador na hora... – disse o personagem.

– Espera, esse personagem principal que você dizia ser, Henry é você que está falando comigo?

– Eu mesmo, narrador!

– Não imaginava que era você... agora se me permite, vou continuar narrando.

E, sendo assim, do rosto de Henry caiu uma lágrima de desespero e tristeza. Henry nem acreditava no que estava vendo. Conversou com todos e convenceu-os a pararem o que estavam fazendo. E por fazer uma ação boa pela Natureza, Henry criou laços fortes com ela. Quando tudo estava certo, sem nada acontecendo, uma luz branca, muito forte, encobriu o vilarejo e dessa luz apareceu Henry muito alegre vestido de forma diferente e agindo diferente. O vilarejo estava salvo de uma possível catástrofe e Henry fez o que ele sempre sonhou. Casou-se com a Natureza e viveu muito feliz com ela.

Até os tempos de hoje Henry existe, só que não é tão famoso quanto a esposa. Ele é conhecido como...

– O Pai Natureza!

– Poxa Henry! Pegou a parte mais legal!

– Ah desculpa! Não resisti.

Bom, como todo conto tem uma moral, qual seria a moral desse conto, Henry? E se fosse para responder a pergunta: “O homem domina a Natureza, ou a Natureza domina o homem?”, qual seria a resposta?

– Moral? Ah, que tal: “Quem não arrisca não petisca.”?

– Não! Nada a ver! Mais criatividade Henry, isso nem moral é!

– Sabe o que acho? “Que no amor é assim, não existe moral da história.” E sobre a pergunta... Claramente a Natureza ganha do homem, primeiramente olhe as catástrofes que a Natureza pode fazer com tsunamis e terremotos, por exemplo. E também pensa no mundo do homem sem a natureza, certamente seria um mundo horrível. Mas acho que essa coisa de “quem domina quem” não devia existir, afinal todos nós estamos do mesmo lado!

### 3º lugar infantil – Pedro Henrique Gomes Lima de Souza

#### A Terceira Grande Guerra Mundial

Naquele pontinho azul da galáxia, 2020 foi o ano da maior guerra já travada no universo, também conhecida como a “Guerra da Consciência”. No auge dessa triste história, homem e natureza transformaram o planeta num cenário sombrio [essa eu tirei do filme do Batman]: dois terços da população foi dizimada e apenas vinte por cento da natureza sobreviveu. O impacto desta tragédia foi sentido em todos os lugares do nosso vasto universo conhecido.

E nos desconhecidos, a notícia voou com a velocidade da luz! Nessa batalha, dois grandes soldados que duelavam em lados opostos, definiram o destino da Terra. De um lado o menino Gamer e de outro, o Gota d’água. Um desafio que exigiu coragem e sabedoria. Somente juntos, conseguiram desenvolver algo espetacular que provocou a mudança planetária, tão esperada por todos: “....a da consciência coletiva”. Tipo assim:

– “Um por todos e todos por um!”. Entendeu!?

O Gamer era um menino de 11 anos de idade, viciado em jogos de vídeo game. Tinha muita habilidade e com toda sua experiência vencia qualquer desafio. “Zerava” cada jogo, passando em todos os níveis com milhares de vidas e bilhões de pontos. Ninguém o vencia, todos o adoravam e tinha até um canal no “Seutube” com zilhões de seguidores.

Lá nos cafundós da Amazônia, numa clareira perto do Grande Rio, vivia o Gota d’água. Ele era uma jovem partícula de água que adorava resolver problemas de matemática ecológica. Daqueles um, com óculos fundo de garrafa que tira dez em tudo... Ou melhor, quase tudo! Detestava a matéria “História do Homem”, ficava sempre de recuperação, pois não compreendia o rumo que o homem dava na sua própria história.

Bom, vamos ao ano de 2020, onde tudo aconteceu. Os primeiros sinais da guerra surgiram em 2015: falta de água, já não chovia mais. Os rios secaram deixando apenas um rastro de poluição. Com a falta de água, muitos incêndios ocorreram. Não germinavam mais plantas nos campos. O solo empobreceu de vez e já faltava alimentos! O caos crescia e o desespero dominava o mundo até então, humano. Fome, doenças, desordem financeira e política se alastrou por todo globo. Via-se que a natureza estava de greve, sem repor nada, “vingando-se” do homem exterminador. E, quando tudo parecia perdido, desolação e crise, eis que surge em meados de 2020, um sinal no horizonte da Terra perdida: um mega arco íris, com todas suas sete cores bem definidas, maravilhoso!

Sentou-se a mesa, dois convidados que tinham ideias quase que mágicas, para por um fim nessa Guerra. Mas, só poderia dar certo se, e somente se, houvesse cooperação de ambos os lados. A coexistência só seria possível com o equilíbrio das forças. Em primeiro lugar, eles descobriram que ambos são dominados por uma força maior. Por último, chegou-se ao limite da vida: a autodestruição. Muito se perdeu e muito mais ainda deveria ser devolvido para ambos os lados. Propuseram então o acordo da sobrevivência.

Juntos, com a destreza do Gamer nos jogos e o raciocínio ecológico do Gota d’água desenvolveram uma máquina que fazia chover gotas de consciência. Então, uma nuvem escureceu a Terra, e uma grande tempestade cobriu todo céu, fazendo chover a solução para a crise do mundo.

Cada gota provocava uma mudança de pensamento, e tanto homem quanto natureza passavam a agir com respeito mútuo. Enfim, aconteceu a renovação da vida. Tudo mudou! A ordem finalmente reinou nesse cantinho iluminado da Via Láctea. - Parabéns aos nobres guerreiros da esperança sem-fim.

#### 4º lugar infantil – Felipe Lima Rizzi

##### A voz da Natureza

Tempos atrás, quando homem e natureza viviam em paz, nasceu James. Filho de camponeses, havia recebido uma dádiva: o poder de dar a mente e a palavra para outros seres vivos. Porém, ele usou seu poder de uma maneira equivocada: escravizou os animais e as plantas e se coroou rei. Bárbara, sua primeira “criação”, um dia o chamou para conversar. Aqui está o que aconteceu naquela casa no Último dia da Natureza Falante, pelo ponto de vista de James:

“A carruagem parou. Respirei fundo e fechei as mãos com força. Aquilo não acabaria bem, eu sentia. O cão, que era meu cocheiro, abriu a porta com uma reverência:

– Alteza, a casa da árvore.

Desci. Olhei para a casa. Contra todos os meus instintos, entrei.

Ela estava sentada, desengonçada. Mesas eram feitas de árvores, mas não eram feitas para árvores, definitivamente. Ela tamborilava o que podiam ser chamados de dedos na tábua enquanto observava os pássaros que habitavam seus galhos voarem pela sala. Saindo da distração, seus olhos profundos encontraram os meus. Os guardas-macacos tocaram trombetas, me apresentado:

– Saudemos o rei James I, que nos traz sua ilustre presença.

Todos os meus subordinados se curvaram. Bárbara riu.

– Você mudou muito, Jam. Não me lembrava de que precisava de um bando de animais para te apresentar.

Um dos macacos avançou para cima dela.

– Pare! Vão embora. Vão, andem logo! – Intervi.

Os macacos relutaram.

–Eu mandei vocês saírem. Saiam.

Os macacos saíram. Bárbara ria novamente:

– Além de obrigar um bando de macacos a trabalharem para você, você ainda os trata mal?

Tentei formular uma resposta, mas ela não me deixou falar.

– Tanto faz. Te chamei aqui pois quero te falar uma coisa: Você não tem meu apoio no seu governo. Não porque não gosto de você, mas porque você usa a natureza. E não a usa no bom sentido. Você a escraviza. Seus guardas, seus cozinheiros, seus servos, seus palhaços... Você não soube usar o seu poder. Você poderia ter feito coisas maravilhosas. Você tinha...

Eu já tinha ouvido discursos como esse antes. Não me segurei:

– Não fale das coisas que eu poderia ter feito. Eu usei meu poder como bem entendi e você, junto com todos os outros, devem agradecer. Eu dei o poder de pensar a vocês. Vocês só pensam por minha causa. Eles me devem. Eu só recebo o pagamento.

– Olhe o que você fala! Você se impõe como se o homem fosse maior que o resto do mundo! Você não se lembra? “O homem é natureza: nasce, cresce, morre. A única coisa que o faz diferente é a capacidade de pensar e de falar.” – ela me dissera essa frase quando eu era pequeno, pouco tempo depois de eu ter dado a mente a ela. – Mas você James, você mesmo, quebrou essa barreira. Você deu ao resto do mundo mentes para pensar. Você fez um milagre! Você uniu as naturezas!

A discussão mal começara e já tomava um rumo obscuro. Eu não suportei ouvir tal calúnia:

– Não fale como se o homem fosse semelhante a vocês! Nós sempre fomos e sempre seremos melhores e superiores! O homem usa o que quiser como bem entender! Nós matamos os bois para comermos, nós queimamos a grama para plantarmos, nós bebemos a água para nos saciarmos, nós derrubamos as árvores para nos esquentarmos. A natureza trabalha a nosso favor.

Uma lágrima escorreu do rosto de Bárvara.

– Você é um monstro.

– Se eu sou um monstro é culpa da natureza. Ela mesma me deu minha mente e meu poder. Pare de tentar alcançar a harmonia! O homem que está em harmonia com outras espécies é fraco! Você é fraca, Bárvara. E, se não fosse pelo monstro aqui, você ainda seria uma árvore inanimada no meu quintal.

Ela enxugou o rosto.

– Se você ainda não entendeu, eu explico de novo: Você pode até tentar controlar a natureza a sua volta, mas a sua própria você não pode. Você não pode controlar quando você nascerá, o quanto você crescerá, a fome que sentirá, a sede que atacará sua garganta, o amor que invadirá seu coração, a tristeza que cairá com suas lágrimas, o sono que pesará em seus olhos. Você veio da terra e para a terra retornará, Jam. Você vai virar árvore, animal, água. Você está em constante mudança, assim como nós.

Ela se levantara devagar. Os pássaros que voavam pela sala agora estavam aninhados em seus galhos.

– Adeus, James.

Ela não podia ir embora. Aquela conversa fora breve demais.

– Rei James para você, plebeia.

– Adeus, James.

A raiva ferveu minha cabeça e dei um tapa em sua face. Ela olhou nos meus olhos, triste:

–Se pensar deixou o homem assim, prefiro ser uma pobre árvore sem a palavra.

E, dizendo essas palavras, foi embora de sua própria casa.”

Depois daquele dia, Bárvara vagou pelo mundo espalhando suas ideias: os seres vivos não falariam mais. E não falaram. Até hoje as plantas e os animais sabem falar, mas se calam, em protesto. Eles se lembram do mal que fora feito a eles. E eles mostram que lembram: terremotos, tempestades, secas, tsunamis, erupções... A natureza mostra a sua força, nos lembrando de uma coisa:

A natureza não precisa do homem. Mas nós precisamos dela.

## 5º lugar infantil – Laura Giovana Moura Guaiume

### A SALVAÇÃO

Aconteceu há três anos. O governo descobriu o nosso esconderijo, e, nos expôs. Não entendo o porquê, acho que tiveram medo do que podíamos fazer. Desde que isso ocorreu, estamos nessa ilha contra a nossa vontade. Aqui é horrível. Fazem experiências, testes, e algumas operações.

Somos em cinco, eu, Luke, Felix, Mia e Kim. Nem as autoridades descobriram que tipo de ‘doença’ (é assim que eles chamam) temos; mas acho que posso dizer que são poderes, eu sei que é bizarro usar esse termo. Vamos chamar de dons. Eu, Melissa, tenho um tipo de comunicação com a natureza. Luke, consegue se teletransportar (o que cá entre nós, é uma super qualidade); Felix, que é meu melhor amigo, telepatia, ele sofreu muito com isso quando era criança, afinal, ninguém gosta de ouvir verdades. Mia controla o tempo, e Kim faz previsões.

Gosto de andar no meio da noite, e era exatamente o que eu estava fazendo naquele momento. Faz já algum tempo que estou com uma sensação estranha. Consigo sentir as plantas melhor a noite. Eu estava no jardim, quando percebi ventos estranhos. Acordei meus amigos rapidamente, logo nos ligamos o que estava acontecendo. Era o avião do governo. Olhei para Felix, preocupada. Ele nunca foi bom em controlar suas emoções. Corri para seu lado e olhei-o com um olhar calmo. Decidimos, depois de conversar, ir a central, o ponto de encontro daquela ilha.

Durante todo o caminho, ninguém falou nada. Chegando lá, encontramos Roger, o homem que nos trouxe aqui (além de uma tropa que fazia a proteção). Vou admitir, que não foi muito agradável. Todos estavam em estado de choque, então resolvi falar:

– A que devemos a honra de sua ilustre presença? – disse usando meu fiel aliado, o sarcasmo.

– Precisamos de vocês. – Roger disse, dando um passo a frente.

Após um breve e previsível chique de Felix, resolvemos ouvir a proposta do chefe político. Era mais sério que imaginávamos. O mundo estava literalmente acabando. Plantas estavam sendo extintas. O clima estava descontrolado, sem contar as tsunamis, tornados, furacões e poluição. Lixo acumulado. Eles precisavam de nós. A minha sensação não estava errada, isso tudo era verdade. Depois de um breve minuto de silêncio, Luke perguntou, com uma voz rouca:

– Se fizermos isso, estaremos livres?

– Toda a liberdade do mundo, vocês vão ser heróis. – Roger falou, pode perceber desespero em sua voz.

– Vamos fazer isso. – Kim pronunciou.

E foi assim que fomos levados para a capital. Fizeram alguns testes quando chegamos lá. Nada que não estávamos acostumados. Também fomos aclamados pela população. Isso foi estranho. Em um minuto somos aberrações, em outro, somos glorificados. O que um pouco de desespero não faz. Depois de todas as propagandas e publicidades serem feitas, finalmente nos deram as instruções sobre o que deveria ser feito. Seria mais difícil do que pensávamos. Fizeram algumas avaliações

sobre a quantidade de energia necessária para salvar o planeta. Todos iriam fazer algo. Minha missão era fazer as plantas crescerem, porém a quantidade era absurdamente maior do que eu já fiz a minha vida inteira, devido a isso eu teria a possibilidade de perder meus poderes. O mesmo poderia acontecer com Mia. Nossos amigos ficaram preocupados conosco , mas estávamos dispostas a salvar o planeta.

Havia chegado o grande dia. Felix ficou ao meu lado o tempo todo durante a viagem, mas nossos destinos eram diferentes. Cada um de nós era colocado em um ponto do planeta de maneira estratégica. O meu local era em algum lugar da Nova Zelândia.

O avião me deixou no local e saiu depressa. Deveria fazer isso sozinha pois a energia seria muito grande. Já havia feito simulações, daria tudo certo. Senti novamente aquela sensação, mas dessa vez, muito forte. Notei que a flora daquele local estava acabada, totalmente. Isso me afetaria, pensei. Não posso desistir, não agora, todos estão contando comigo.

O cronômetro no meu pescoço apitou, dez segundos. Esfreguei minhas mãos umas nas outras. Cinco segundos. Me posicionei e coloquei as minhas palmas perto parecia ter sido uma floresta um dia. O objeto apitou, e comecei. Senti um impulso mas já estava preparada para isso, me coloquei novamente no lugar.

Durava uma hora. Na minha opinião é muito tempo. Tinha que conseguir.

Restavam dez minutos para tudo acabar, quando senti que não conseguia mais. Me lembrei desse sentimento, como na simulação. Devia parar agora, ou perderia os meus poderes, mais estava tão perto. Não iria parar. Tinha prometido aos meus amigos, mas naquele momento, era tudo ou nada. E eu escolhi o tudo.



## 6º lugar infantil – Heloisa de Sousa Ferrarezi

### A guerra sem fim

Só se ouvia barulho na floresta. Estava amanhecendo, porém o Sol ainda não iluminava toda a floresta, assim grande parte dela ainda deveria estar dormindo. Quem estava acordado por causa do insuportável som não parava de reclamar:

– Que barulho é esse? Ainda nem amanheceu e as montanhas já estão fofocando? – reclamou uma árvore.

– Acho que não são elas, só pode ser o corvo reforçando a nossa proteção... – respondeu uma flor azul.

– Eu? Claro que não! A minha voz é tão ruim assim? – disse o corvo, bem chateado com aquele comentário.

Toda a floresta tinha medo de ser destruída pelos humanos, como aconteceu com o mar, um vizinho da floresta. É claro que os humanos estavam passando muito calor sem o mar, mas eles preferiam os enormes prédios que agora soterravam toda a água.

Era estranho. O barulho aumentava e a floresta diminuía. Eram os lenhadores, que burlaram a proteção da floresta, e rapidamente começaram a derrubar aquele matagal.

Estava tarde, um lenhador derrubava uma enorme e antiga árvore, que ficou pela metade, já que o preguiçoso homem resolveu que ia terminar de cortar a árvore outro dia:

– Como dói! Alguém me ajude! Pelo menos terminem de me matar, ou eu vou morrer de dor! – suplicava a árvore, que mesmo ao meio, tinha a esperança de conseguir ajuda.

Acabou que a notícia da árvore se espalhou, e toda a floresta considerou isso um pedido de guerra:

– Onde já se viu? Além de destruir a nossa casa, querem que a gente sinta mais dor ainda?! – reclamou o macaco, o que surpreendia a todos, já que ele era um pouco amigo dos humanos.

– Concordo com você. – respondeu a planta-carnívora, balançando a cabeça.

A natureza mandou tempestade e ventanias, terremotos e tsunamis, tudo em sinal de guerra, enquanto os homens respondiam lutando com suas armas de fogo e máquinas poderosas.

Após três anos de confronto, o planeta estava quase acabado: estava cheio de abismos, os continentes que eram lado a lado tinham se separado, grande parte do mar tinha secado, e quase toda a água que não secou estava congelada, porém ainda restava uma árvore, que nasceu na beira de um lago de água cristalina, o único lago que estava limpo, e um humano, já cansado de sofrer:

– Eu me rendo, por favor, me desculpe! – disse o homem, ajoelhado no chão, pedindo perdão ao resto da natureza que sobrou.

– Há, Há! Eu já esperava por isso... Agora você quer paz? Quando o planeta se recuperar, daqui uns 500 anos, o que é pouco pra mim, não vamos precisar de você e dessa sua raça pra estragar tudo de novo. Tchau! – respondeu a árvore, feliz com a sua vitória.

A árvore, com suas fortes raízes, puxou o homem para baixo da terra, onde ele descansaria para o resto da vida, e guardou a cabeça dele como lembrança de uma raça egoísta e desrespeitosa, que ousou perturbar a natureza.

Depois dessa guerra, o planeta se recuperou, e a raça humana também: dizem que o novo humano veio do macaco, um animal que um dia lutou ao lado da natureza, mas que hoje está a destruindo novamente.

## 7º lugar infantil – Sabrina Oliveira Haga

### Sombra Branca e a magia da natureza

Sombra Branca era uma cidade grande, com muitos prédios, indústrias e comércios, o céu de lá era escuro por causa da poluição, e não havia nada de árvores e flores. Seus moradores estavam acostumados com a paisagem cinzenta da cidade e tão ocupados com seus afazeres que mal percebiam a falta da natureza.

Hugo e Alice eram dois jovens que moravam na cidade de Sombra Branca e estudavam na mesma escola. Alice tinha verdadeira paixão pela natureza, ela cresceu ouvindo histórias do avô, em que Sombra Branca já havia sido uma cidade bonita, com árvores e flores, mas que um dia chegaram homens gananciosos, e começaram a extrair as árvores para vender, até que acabaram, e a cidade ficou sem nada do que tinha antes. Hugo era diferente de Alice, em sua casa ninguém nunca falava na importância da natureza.

Um dia a escola onde estudavam organizou uma excursão para um parque em outra cidade. Quando o ônibus passou pela entrada da cidade todos ficaram impressionados com a diferença de Sombra Branca para aquela. Lá tinha muitas espécies de árvores e flores diferentes, sentiram até a respiração melhorar. Alice como era apaixonada por essas coisas ficou maravilhada.

Chegando ao parque, todos foram recebidos por Luiz, um homem que trabalhava lá, ele acompanhou todos durante o passeio e explicou a importância da natureza para a vida dos seres vivos. Depois de tudo que Hugo ouviu, começou a se interessar por aquele assunto.

Durante a excursão, Hugo havia conversado bastante com Luiz, e também tinha falado sobre Sombra Branca para ele. Quando todos já estavam preparados para ir embora, Luiz chamou Hugo e deu-lhe uma semente de árvore. Mas aquela era diferente das outras, era maior e tinha um brilho natural, parecido com uma pedra preciosa. No caminho pra casa, Hugo resolveu dar a semente para Alice, pois sabia que ela iria adorar o presente, e ele estava certo, pois ela amou.

No dia seguinte Alice chamou Hugo para ir à casa dela, pois ela iria plantar a semente em seu quintal.

Quando ele chegou foram para o jardim, Alice cavou um pequeno buraco na terra, onde plantou a semente com muito carinho. Ela dormiu pensando que dali a um ano, teria uma árvore linda em seu quintal. Quando amanheceu foi uma surpresa a todos. A cidade estava toda florida, cheia de árvores, o céu estava azul, os pássaros cantavam. Todos os moradores de Sombra Branca estavam maravilhados, porém, ninguém entendia o que tinha acontecido. Alice não tinha palavras para descrever o que via em seu quintal. Era uma árvore linda, muito grande, diferente de todas as outras que já tinha visto. Os dois jovens não sabiam, mas Luiz, na verdade era um guardião da natureza e a semente plantada era mágica e dava vida a todas as outras da cidade.

Vendo como a natureza era bela, todos começaram a preservá-la, cada um fazendo sua parte. Assim, Sombra Branca ficou conhecida como uma cidade onde a magia da natureza está presente.

Tudo isso aconteceu graças a Alice, uma menina que sempre acreditou na natureza, e graças a Luiz, o guardião da natureza!

## 8º lugar infantil – Isabela Barbosa da Silva

### Seja dominado e descubra a magia

John, um homem jovem, de 27 anos, não aceitava muitas ordens e muito menos que alguém mandasse nele. Trabalhava em uma empresa que promovia peças de teatro por todo o país. Como as peças eram infantis, a maioria delas tinham o tema de muita magia e acontecimentos e situações surreais. Mesmo tendo uma empresa que tinha que criar ideias de temas mágicos, ele nunca acreditou em nada disso, sempre achou uma bobagem, mas como era o trabalho dele suportava só para ganhar seu salário.

Certo dia, ficou muito estressado com os problemas da empresa e resolveu passear pelo parque que havia perto de seu trabalho. O parque era cheio de árvores e flores, era um pequeno pedaço da natureza no meio da cidade. Apesar de não gostar muito de lá era o lugar em que havia menos barulho e paz em meio aquele estresse da cidade. Sentou debaixo de uma árvore onde havia uma sombra, um lugar perfeito para um bom descanso, até que ouviu uma voz:

– Olá!

Assustado ele começou a procurar quem estava dizendo aquilo, mas não havia mais ninguém no parque além dele, então ele ouviu novamente:

– Está procurando quem é, né? Só olhe para trás e me verá.

Então John olhou, e havia uma árvore, a árvore mais antiga e grande do parque. Ele não estava acreditando que uma árvore falava, mas ao mesmo que estava assustado, também ficou curioso em como e por que aquela árvore tinha falado com ele. Então, respondeu:

– Você é essa árvore? Como você fala?

– Como eu falo? É simples: MAGIA! E não sou só eu que falo, as flores, as nuvens, o vento, a água, os animais, todos nós falamos. As flores falam quando estão mudando suas cores; o vento quando não está feliz se transforma em tornado; o mar quando está bravo manda ondas grandes e fortes para a costa; as nuvens quando não estão de bom humor, com a ajuda da água mandam chuvas e tempestades; as fadas moram dentro das flores, e só saem de lá, para ajudar as abelhas a espalhar o pólen sobre as flores e plantas; os animais que passam por aqui sempre conversam comigo, nós, a natureza, dominamos os humanos!

John riu e perguntou:

– Nos dominam?

– Sim! O que seriam dos surfistas sem as ondas que o mar manda até a costa? O que seriam de vocês humanos sem o ar que nós, as árvores purificamos? O que seriam de vocês sem as flores para deixarem seus dias coloridos? O que seriam de vocês sem aquela brisa leve e refrescante nos dias de calor e sol quente? O que seriam de vocês sem a natureza?

E assim ele se desculpou por ter rido, refletiu e viu que era verdade tudo o que a árvore havia lhe falado. Despediu-se dela e voltou para o trabalho.

Depois dessa conversa, John tornou-se um novo homem, agora, todos os dias deixava-se dominar pela natureza mais ainda, para sentir a sua magia!

## 9º lugar infantil – Giovanna Nunes dos Santos

### A lenda das terras de Kioque

Em uma terra onde o sol brilhava com todas as forças, viviam os magos mais fortes e puros que toda a terra já imaginou existir, esse lugar se chamava Takara. Takara era uma terra onde humanos tinham poderes extraordinários, eles voavam sobre as árvores, faziam água cair dos céus, plantavam todo tipo de vegetação desde aéreas até as submarinas.

Não muito longe dali, viviam as plantas, flores e todas as vegetações que não aceitavam ser usadas pelos humanos, aquele lugar era as terras de Kioque. Não era apenas o fato de não gostarem de serem usadas, mas também, por almejavam o poder que aqueles humanos continham em seus corpos e almas, pela felicidade que eles tinham e pela harmonia que continham.

As plantas de Takara, como eram muito felizes floriam o ano todo, já as de Kioque, como eram muito invejosas e solitárias, floriam apenas no inverno, quando não haviam nenhum pássaro sequer para lhes apreciar.

Elas estavam cansadas daquela felicidade abundante, então resolveram, tirar-lhes o que eles mais tinham de precioso em suas vidas, a amizade.

Para realizar esse desejo eloquente, resolveram infiltrar uma de suas plantas mais inteligentes, para descobrir um meio de tornar isso possível. A planta passou três dias em Takara, e viu coisas que nunca imaginou ver, como a amizade que todos tinham, isso a deixou com ainda mais vontade de destruir aquele laço que os unia tão fortemente.

Assim, ao voltar para Kioque, informou o que havia descoberto, e chegaram à conclusão de que teriam que plantar a desconfiança entre eles, para que, não vivessem mais em harmonia. O plano era simples e prático, fariam uma pequena intriga se tornar uma confusão de sentimentos enorme, assim, no momento certo, fariam as plantas e os humanos caírem em discórdia, iniciando uma nova guerra por poder, que os faria pensar sobre quem dominaria.

Aconteceu que o amor que eles tinham era muito maior que eles imaginavam, e com um magnânimo poder de luz, destruíram todo e qualquer tipo de sentimento maligno.

A raiva e a angústia de derrota, fizeram as inimigas se corroerem de ódio e rancor, assim ficando à beira do abismo da tristeza, a ponto de caírem no poço da morte.

Nunca mais ouviram falar das plantas habitantes daquelas terras, que, de pouco em pouco, foi se transformando em uma imensidão lamacenta. Muitos tentavam cultivar novas plantas naquelas terras, mas, nunca nada dera resultado.

Hibiko, um homem muito bondoso, foi levado ao lamaçal, para tentar fazer cultivo. Tentou todo tipo de feitiços que seus livros ensinavam para espantar o mal, que aquele lugar continha, mas como nada dera resultado, resolveu, assim, recorrer a algo que ninguém pensou antes... conversar com o solo:

– Oh, espíritos que vagam neste lugar, que anseiam sua vingança, tirem de seus corações reprimidos toda sua maldade, não se deixem aprofundar mais neste abismo de solidão, o que lhes ofereço agora e a luz, de um caminho sem ressentimentos.

Uma voz chorosa se ouve, ao longo do escuro como uma passagem rápida:

– Se o que tu disseste for verdade, e nós pudermos voltar, nós iremos junto a ti, e nos uniremos a Takara formando assim, um reino só.

– Como queiras! – Respondeu Hibiko, com um tom humilde. Assim, ao voltarem, se desculparam por suas ações, que foram, claro, perdoadas formando assim uma grande aliança de amizade.

## 10º Lugar infantil – Giulia Vitoria Angelo

### Flora, a escolhida

“Em uma cidade pouco conhecida todos eram pessoas completamente normais, com exceção três delas, tais tinham poderes sobrenaturais, cada um com temas relacionados à natureza. Margarita, Lilian e Snack eram totalmente do bem, ajudava a todos que precisassem. Margarita tinha o poder das florestas, da terra, e das plantas; Lilian tinha o poder dos animais selvagens e domésticos, enfim de todos os animais e insetos, e Snack tinha o poder do céu e tudo que está relacionado, podia controlar.”

Em uma bela noite Flora a luz do luar lia um livro: “O segredo da floresta”, era um livro que tratava sobre a Amazônia.

– Nossa seria incrível ir para a Amazônia! – ela pensa alto. De repente a garotinha se depara com as folhas do livro sobrevoando pelo ar e algo acontece:

– Ah, socorro! – ela caíra num profundo buraco sem fim, ao menos parecia sem fim. – Estou caindo num buraco! – acabara de ter uma aterrissagem terrível. –Aí!

Onde será que estava? Havia caído sobre uma grande área devastada, o chão era pura terra seca, em forma de um grande círculo, em olhar de fora, mas para quem que de repente caía num buraco estranho parecia mais um pesadelo...

– Onde estou? Mas que lugar estranho parece até um pesadelo... Como será que saio daqui? A garota pensa alto.

– Perdida? – uma voz estranha pergunta:

– Olá, quem está aí?

Flora ao fazer a pergunta se levanta e dá de frente com um indiozinho que se apresenta:

– Olá meu nome é Tauany, sou um curumim! E então lhe fiz uma pergunta?

– Ah sim, estou perdida.

– Percebi, parece assustada.

– Claro que estou assustada acabei de cair em um buraco, e nem sei se ele existe e você quer que eu fique como? Nem sei onde estou!

– Calma sem estresse, você está na Amazônia. Venha comigo conhecer um pouco deste lugar!

– Na Amazônia, como pode? Pensa a garotinha sem entender o que está acontecendo.

Depois de muita caminhada e diversão e tanta beleza natural algo ainda incomodava Flora.

– Já está calma? Gostou do passeio?

– Sim gostei muito!



O indiozinho percebendo a tristeza de Flora, então pergunta:

– Mas, então porque desta carinha tão tristonha?

– Muita tristeza!

– Mas por quê?

– Eu esperava encontrar na Amazônia muita beleza, árvores e animais de todas as espécies, um bioma intacto, como nos livros, mas vi cenas que agora não sai da minha memória...

Aquelas centenas de árvores tombando, animais sendo capturados e parte da floresta em chamas, para serem transformadas em carvão e muitas outras cenas assustadoras, que o homem faz com a natureza.

– Agora eu fico me perguntando: Quem domina quem?

O pequeno curumim olha para a face tão triste da garota e sorri.

– Acabo de compartilhar a minha tristeza e você sorri? – Flora suspira.

– Claro, que sorri você foi à escolhida para chegar aqui através da magia de um livro, com pensamentos puros e lindos. Já fiz a minha parte, te levei para ver cenas tristes e fortes para saber se você era mesmo a escolhida? No início só suspeitei, além de tudo eu sou apenas a sua imaginação, ou seja, depois que sua missão for cumprida talvez nunca mais me veja... Agora você com seu espírito encantador e cheio de imaginação, saberá o que fazer para que estas cenas não se tornem reais.

Flora abriu um sorriso, acabava de ter uma grande ideia.

– Se estou em um livro tudo pode acontecer se tenho imaginação às histórias podem ter vida, se elas podem ter vida posso ter a ajuda de meus amigos imaginários.

– Grande ideia, comemora Tauany!

Neste momento surgiu Margarita, Lilian e Snack e Flora explica tudo que lhe aconteceu e explicou o seu plano para que as cenas de tristes não se tornassem reais, então começou o trabalho cada um fazendo a sua parte com o seu poder.

Flora denunciou todos os crimes ambientais de sua comunidade e Tauany ajudou seus amigos com dicas e habilidades com a terra. E assim:

– Filha, acorda! Vamos entrar o jantar está servido.

– E então já tem ideia para o projeto da escola? Pergunta a mãe vendo o título do livro.

– Sim e vou começar fazendo uma pesquisa junto a nossa comunidade para saber:

– O homem domina a natureza ou é a natureza que domina o homem?

## 11º Lugar infantil – Enzo Dexheimer Jarreta

### A Expulsão

Certo dia, na nave “New USA” (Novo Estados Unidos), meu amigo e eu estávamos brincando. Quando ele me perguntou:

Será que tem alguém nesta nave que nasceu em um planeta?

– Eu acho que meu avô nasceu em um planeta chamado Terra! Vamos perguntar para ele?

– Sim!

Quando chegamos no quarto do meu Avô vimos ele assistindo a um filme deitado na cama, então perguntei se ele não se importaria de contar a sua história para nós, pois ele já era um senhor de idade e tinha que descansar de vez em quando. O meu Avô disse que adoraria contá-la para nós.

Ele disse que ele nasceu em um planeta chamado Terra, que 71% da superfície da dela era formado por água, que tinha cerca de 7 bilhões de habitantes antes do que aconteceu, disse que era dividido em países e que cada um tinha uma cultura diferente e que cada um falava uma língua! Tinha uma biodiversidade enorme com animais como gato, cachorro, leão, elefante, entre muitas outras espécies, além de milhares de espécies de plantas, mas o ser humano nunca aprendeu a coexistir com a natureza, ele queria domina-la, por meio da extração de todo e qualquer recurso que a natureza dispunha de forma irresponsável sem medir as consequências que poderiam acontecer no futuro.

Ao longo dos anos as pessoas mais preocupadas começaram a perceber avisos da natureza para os seres humanos se darem conta do que eles estavam fazendo, por meio de catástrofes, tais como tsunamis, vulcões em erupção, terremotos, grandes tempestades, enchentes, tornados entre outras. Mas a maioria dos seres humanos não entendeu o recado.

Até que um dia a natureza revidou e em todos os cantos da terra coisas extraordinárias começaram a acontecer como: Florestas inteiras se levantando para guerrear corpo a corpo com os Humanos; Monstros de areia saindo dos desertos em direção as cidades; Nuvens de insetos como abelhas, mosquitos, sufocando a população; Aranhas, cobras, escorpiões e lacraias invadindo casas; e muito mais.

O caos e a destruição não duraram muito, chegou uma hora que tudo terminou, como se a natureza tivesse dado uma chance aos humanos que haviam restado para saírem do planeta. Imediatamente todos os cientistas que haviam sobrevivido criaram naves de vários países como a nave “New USA” (Novo Estados Unidos), a nave “本本本” (Novo Japão), a nave “Новая Россия” (Nova Rússia), entre outras, meu avô embarcou na nave “Novo Estados Unidos” com sua família, pois o pai dele, meu Bisavô era um desses cientistas.

Meu Avô me contou também que até hoje as nossas naves monitoram a Terra em busca de algum sinal da natureza que permita nosso retorno.

## 12º Lugar infantil – Giulia Ronqui Escardovelli

### Uma nova chance

O quase extinto planeta Terra sofre com o sol escaldante. Os poucos habitantes, brancos como a neve, vivem debaixo do solo onde construíram sua moradia e desenvolveram a agricultura. A pouca água potável que corre pelo lençol freático irriga as pequenas hortaliças e mantém viva as pequenas comunidades.

Pedro e João são uns desses sobreviventes. Quando nasceram o planeta ainda estava em condições de vida, mas em poucos anos, tudo acima do solo parecia destruído. Os humanos estavam arrependidos.

Os garotos esperançosos eram os únicos que ainda iam a superfície para procurar por vida e recolher objetos que fossem úteis à “nova” comunidade. Em um desses dias, quando amontoavam algumas ferramentas encontradas, uma sombra os envolveu. Viram-se instantaneamente e a surpresa, misturada com o medo, apoderaram-se deles. Ali em frente, uma árvore frondosa havia aparecido e se instalado. Como aquilo podia ser real?

Os garotos entreolharam-se. A árvore os envolveu com seus galhos, que pareciam braços, e os levou até sua copa.

– O que está acontecendo?! – gritou João.

– Estamos no mesmo sonho!? – retrucou Pedro.

– Quantas suposições – ouviram uma terceira voz. – Faz tempo que os observamos. A voz então tomou vida. Um esquilo bonachão, usando uma boina xadrez e um terno riscado, surgiu por entre as folhas.

– Não pode ser!!? – disseram os garotos coçando os olhos simultaneamente.

– Pode sim. Meu nome é Rico e está é a minha amiga Tree, a árvore. Faz tempo que acompanhamos vocês e sentimos muito pelo que aconteceu ao planeta. Os homens não souberam respeitar a natureza e ela, sábia, os puniu para que pudesse ser valorizada e assim percebessem sua importância. Não precisava, não é mesmo? Natureza e Humanidade foram criadas para viverem em paz colaborando um com o outro.

Os meninos não acreditavam no que viam e ouviram. Aquele esquilo parecia ter saído de filmes e estava lhes dando lição de vida! Rico continuou:

– Estamos aqui para ajudá-los a ter uma vida como antes, já que parece que aprenderam a lição. Nós sempre os observamos e, em nossos laboratórios, produzimos mudas de árvores, plantas e vegetais mais resistentes e de rápido crescimento.

– Nossa então era verdade... Nós estávamos sendo observados o tempo todo! – disse Pedro.

– O tempo todo. Sabíamos que vocês estavam partindo para a destruição, pois sem a natureza não a vida, já que é ela a responsável pela limpeza do ar, preservação dos mananciais, alimentos e diversas outras coisas. Prevenimos e viemos ajudá-los.

– Como farão isso? – indagou João.

– Simples, traremos as novas mudas, florescerão em pouco tempo e vocês terão a oportunidade de recomeçar.

Recomeço, esta era a palavra de ordem, Pedro e João entenderam a mensagem e mais que depressa foram avisar a comunidade. A vida no planeta Terra em breve voltaria, não como antes, mas muito melhor, pois os Homens haviam aprendido a lição.

## 1º lugar juvenil – Marianna Silva e Souza

### Asas de vidro sobre um batente de imbuia

Meus caros alunos, eu queria poder compartilhar minhas conclusões com vocês pessoalmente, mas não consigo, meu frágil corpo humano não é mais capaz de aguentar nem sequer três passos além do meu leito nesse hospital, então rezo, mesmo sem religião, para que escutem com clareza apenas a minha voz, e prestem atenção ao que tenho a dizer.

Trinta e três anos de vida dedicados a uma pesquisa que parecia não ter fim. A Terra parecia não ter respostas para as minhas perguntas vindas do céu, e desde então eu me via encarregado de uma tarefa impossível... Até que algumas horas atrás a boa vontade dos ventos me trouxe a verdade sobre todos nós: pela janela aberta entra uma borboleta asas-de-vidro e traz consigo toda a elegância e misericórdia que lhe foi dada por sua mãe – e também meu meio de estudo –, a natureza. Com tantos lugares vívidos no mundo, com um globo repleto de cores e frutos para explorar, e um dos maiores feitos da natureza, uma das maiores raridades do mundo decide visitar um hospital tomado por seres moribundos que perderam a paz no desespero pela própria vida.

Talvez tenha vindo para acalmar-nos os nervos, talvez seja a própria natureza nos avisando que não estamos sozinhos mesmo quando estamos indo embora do único lugar que conhecemos, não sei, mas tenho certeza de que minha respiração ficou mais ofegante ao ver aquelas asas transparentes pousando no batente de imbuia da janela que fora desgastada pelo tempo.

Com a respiração difícil e no auge do meu delírio, recordo-me de minha infância, quando eu sorria para a vegetação rasteira do quintal, e ela sorria de volta para mim. Era fácil ver as estrelas de lá, onde a poluição da nossa racionalidade não chegava, onde a cor turva da nossa ambição não alcançava. Percebam, meus caros alunos, anos de pesquisas, anos de retórica, uma estante lotada de livros e a resposta para a pergunta que definiu minha vida entra pela janela quando estou perto dos meus últimos suspiros. As ranhuras das folhas verdes invadiram meu corpo e tomaram o lugar das minhas veias, e como se fossemos um só, passei a sentir a natureza pulsando em minha pele. Não mais sangue, mas natureza, e assim pude entender que não existe o dominante e o dominado, o caçador e a caça, o homem e a natureza, e sim seres de mesma essência, separados por caules e raízes, pés e dedos, mas nada além disso. Se eu for capaz de ajudar o meu planeta, a minha Terra, a minha natureza, da forma como as belas asas-de-vidro me ajudaram em meus últimos momentos, então, meus caros, eu terei cumprido minha tarefa aqui, e minha ida não terá sido em vão.

A verdade é tão clara em minha cabeça agora que chega a ser genial, e talvez esse delírio tenha me trazido a um estado de consciência que eu não seria capaz de alcançar se não estivesse nesse definhamento. Escutem-me, nós somos uma coisa só, somos a própria natureza em carne e osso, somos as asas-de-vidro de uma rara borboleta e somos até o batente de imbuia na qual esta pousara. Somos apenas uma essência dividida em infinitos corpos diferentes presos a um ciclo perfeito baseado no equilíbrio da convivência. O problema dos homens, é que queremos ser "OS", não apenas "UNS". Nós somos a natureza, somos nosso próprio começo e fim. Somos a essência que está se esvaindo por entre nossos dedos, estamos nos perdendo e vamos morrer por nossas próprias mãos. Talvez um dia o homem entenda, e espero que não seja tarde demais da forma como foi para mim. Quero fazer florescer esse pensamento na tão admirada racionalidade humana, e esse é meu único objetivo nessa vida. Estou convicto de que conseguirei, e talvez por isso eu esteja partindo

agora, cedo para apreciar o feito, tarde para salvar o que já passou. Agora a fala está impossível e a respiração corrói meus pulmões, então não tardo a falar que foi através da transparência das asas-de-vidro que pude enxergar em meu desespero por manter a vida, a paz que me faltava: Eu enxerguei o futuro, meus caros alunos, e ele é verde como nossas próprias almas.

## 2º lugar juvenil – Felipe da Silva Fonseca

### Em busca do paraíso

Caminhando em meio a mais obscura das florestas, cuja qual era morta recoberta de carcaças de tudo que um dia já fora útil para humanidade, estava Loue, um jovem garoto, que passará toda infância lutando para sobreviver em um mundo devastado pelo escravismo adotado para com a natureza. Nada era como antes. As árvores já não tinham folhas, os rios já não tinham peixes, e o que sobrara da humanidade buscava selvagemmente sobrevivência.

Sua mãe faleceu dando-lhe a luz, deixando-o sobre os cuidados de seu pai. O que infelizmente não perdurou, pois com sete anos o viu falecer devido a falta de alimentos que abatia todos os povos do planeta. Neste dia prometera ao seu pai realizar seu último desejo, saindo alguns dias depois em sua jornada apenas com uma mochila.

Vendo o aproximar da noite, buscou abrigo em uma pequena caverna que havia perto de onde estava. Ali então juntou alguns galhos secos, e montou uma pequena fogueira para se aquecer. Sentiu-se dominar por um incombustível cansaço, que o dominava mais e mais a cada instante. Enfim adormeceu.

Em sonho, recordou-se dos livros que seu pai lera enquanto era criança. Lembrou-se de como eram belas as paisagens citadas nos versos de cada poema, e se imaginou, andando em um dos mais belos campos, rodeado de lírios e jasmims, pássaros e ipês das mais diversas cores. Porém, uma nuvem negra se aproximara deste campo, afugentando todos os animais ali presentes, e tragando tudo e todos que ali permaneciam, corria mas não conseguia fugir, vendo-a se aproximar mais e mais até que fora sugado pela nuvem, que o cuspiu algum tempo depois. Não restou nada mais do que carcaças, de animais, de árvores, e de pessoas. Nada mais do que a devastação.

Despertou assustado, e percebeu que tudo não passara de um sonho, mas questionou-se do como a humanidade havia chegado a este ponto. Levantou e dirigiu-se até a saída da caverna, sentou-se e passou ali o resto da madrugada, a observar a lua que no céu brilhava com toda sua exuberância. Ao nascer do sol saiu em busca de comida. Aprendeu a caçar ainda quando criança, não por passatempo, por necessidade. Mas não necessitou de suas habilidades, encontrou próximo de si, restos de um coiote. Levou os restos para fogueira que havia montado antes de repousar. Cozinhou, alimentou-se e seguiu o seu caminho levando o que ainda havia sobrado do coiote.

Atravessou então a floresta em que estava, seguindo seu caminho pelo imenso deserto que havia ali se formado. Lugar onde anteriormente era um vale muito parecido com o de seu sonho. Avistou um pouco mais a frente um pequeno filhote de lobo, se aproximou, e notou que, este, estava faminto. Abriu então sua mochila e pegou o que lhe sobrara do coiote, lembrou-se que poderia não encontrar comida pelo caminho, cogitou a ideia de apenas seguir, mas sua consciência, que pouco antes questionara como o mundo poderia ter chegado a atual situação, o fez ajudar ao pequeno filhote, alimentando-o e o levando consigo.

A tarde estava chegando, porém não queria parar, o desejo de seu pai deveria ser realizado ainda naquela noite, quando a lua estaria cheia. Permaneceu seguindo, com seu mais novo companheiro. Viu naquele pequeno filhote, agora já animado, uma companhia para as noites

solitárias que passaria no resto de sua vida. Sabia que aquele não o abandonaria em nenhum momento, como forma de gratidão por tê-lo salvo.

Avistou logo a frente um pequeno bosque, que antecedia ao seu destino, um dos poucos que ainda apresentava vida vegetal, animou-se, prosseguiu seu caminho, a lua já estava chegando ao topo do céu. Chegou enfim, ao seu destino, o topo monte Citára. E ali com a lua cheia no seu ponto mais alto retirou uma pequena vasilha de sua bolsa, abriu-a e jogou as cinzas que ali dentro estavam, de seu pai e sua mãe, que foram carregadas pelo vento em um dos poucos lugares que ainda não haviam sido devastados pela humanidade. Dalí então retornou para casa, com seu pequeno companheiro, e nunca comentou com ninguém onde ficava este pequeno paraíso, para que assim, este fosse preservado.



### 3º lugar juvenil – Ana Caroline de Oliveira

#### Morus

Bem ao longe, do alto de um fio elétrico, o pássaro observava. Era a cena cotidiana, mas não se cansava de empoleirar-se ali e passar a hora admirando o desenrolar da rotina. O homem saía de casa, já plenamente acordado, às vezes apenas com alguma comida nas mãos, e colocava-se a analisar a árvore; nem era uma grande coisa, apenas uma amoreira de menos de dois metros, com seus galhos retorcidos e a mancha colorida no chão onde seus frutos pousavam já maduros. Mas o homem parecia incomodar-se demais com ela, mesmo que já estivesse ali há muito mais tempo que ele. Todos os dias, ele saía, analisava a amoreira: suas folhas, seu tronco, até as frutas podres que caíam no chão. Depois de alguns minutos, voltava para dentro de casa, demorava-se por poucos segundos, e se aproximava mais uma vez da árvore, agora com um longo machado na mão; para o pássaro, observando de tão longe, o machado parecia sempre o mesmo, mas ele mal sabia que a ferramenta era aperfeiçoada ou trocada todos os dias. Para que todos os dias o homem voltasse a tentar derrubar a amoreira com toda a força e insistência, com a lâmina mais nova ou com a mais enferrujada, todos os dias falhando miseravelmente. Todos os dias, depois de quase uma hora de tentativas, ele jogava o machado no chão, com raiva, e socava a grama, o tronco da árvore, às vezes até chegava a se ajoelhar no capim, chorando. Mas se recompunha com elegância e logo já estava dentro de casa novamente. Às vezes, o pássaro passava a tarde pelos arredores, mas na maior parte dos dias apenas aguardava o final da cena e levantava voo para longe.

Como um pássaro, não entendia a total complexidade da situação; via apenas um homem tentando derrubar uma árvore, e isso o aborrecia, sim – mas o que se pode fazer? Homens derrubavam árvores há mais tempo de que ele poderia se lembrar. A verdade é que aquele homem era apenas um meio para o fim: ele não era dono da fazenda, da casa, e muito menos daquela amoreira. Ele trabalhava para alguém, um grande latifundiário que possuía aquelas terras, dentre tantas outras. A maioria das fazendas do Latifundiário era especializada em soja; as pessoas que trabalhavam para ele, junto com as máquinas que ele podia comprar, plantavam soja o ano inteiro, verão ou inverno, toneladas de grãos para fazer volume em pratos do exterior. E o solo parecia cansado de toda aquela soja, e os animais pareciam cansados de toda aquela soja, até os trabalhadores pareciam cansados de tanta soja. Mas, aparentemente, nem toda a soja do mundo seria capaz de incomodar o Latifundiário. Até porque ele não aparecia muito em nenhuma das fazendas, fazia-se presente apenas no início, quando tudo era rodeado por árvores e animais de tantas espécies; mas, uma vez que toda a floresta fosse resumida a um campo de soja infinito, toda a madeira tivesse sido transformada em papel ou em móveis de luxo, o Latifundiário dava-se por satisfeito com a imagem e voltava para a sua casa, fosse onde fosse.

E o pássaro estava ali desde sempre, observando aquele processo medonho, mesmo antes de o homem aparecer com seu machado – a instantânea transformação da mata numa plantação. Não entendia ainda porque o Latifundiário não se mostrara tão satisfeito com o terreno da amoreira. Ela não atrapalhava quase ninguém. Mas ocupava um belo espaço ao seu redor, impedindo outras plantações maiores – como a soja – de crescerem na mesma região. De qualquer forma, o Latifundiário ladrou suas ordens e em pouco tempo prepararam a terra ao redor da árvore – adubaram, araram e fizeram todas as coisas que os homens fazem para tentar vencer a terra. Logo,

as grandes folhas da soja escondiam o tronco pequeno e magro da amoreira, mas ela continuava lá, colorindo de roxo e vermelho o verde ao seu redor.

Para bem ou para mal, por mais forte que pudesse ser aquele estranho espírito da natureza que habitava a amoreira, ela não aguentaria por tanto tempo num ambiente tão hostil. Numa manhã, não muito tempo depois de a soja estar bem crescida ao redor da amoreira, o homem acordou, saiu de casa com sua comida e suas olheiras e não havia mais nenhuma árvore ali; pelo menos nenhuma árvore que ainda estivesse em pé: a amoreira apresentava-se caída no mar de soja que se estendia pelo campo, quase todos os seus frutos também padecendo ao chão.

O pássaro vira a cena bem antes que o homem pudesse acordar e chorou pela amoreira, chorou pelo campo de soja e chorou pelo homem, apesar de tudo; e em um dos galhos da árvore, jazia morto um corvo da cor mais triste que o homem já vira.

E, sem saber por que, chora também o homem.

#### 4º lugar juvenil – Barbara Merk Morais do Nascimento

##### A figueira

Germinei próxima a um rio, na Mata Atlântica. Graças a abundância de nutrientes no solo e das chuvas regulares, cresci rápida e forte. A floresta era nossa casa, um lugar de respeito que toda flora e fauna tinham. Tudo era parte de um sistema completamente equilibrado, onde cada espécie tinha sua função para contribuir para a floresta. Em menos de 140 anos já havia crescido mais de 12 metros, eu era a maior árvore da região, abrigava ninhos, tocas e meus frutos alimentavam grande parte dos animais. Eu amava apreciar a serenidade do nosso lar, sentir o som das folhas se mexendo pelo vento, o som da água correndo no rio e perceber os animais se abrigando debaixo da minha copa nos dias de muita tempestade. Estávamos em paz.

Certo dia, enquanto apreciava o som da água ouvi um barulho na corrente que nunca tinha percebido, era metálico e alto, quando me dei conta havia objetos cilíndricos e uma sujeira acinzentada junto a água. As aves sempre mantinham as notícias das extremidades da floresta em dia, comecei a prestar mais atenção no que diziam para ver se entendia o que era essa sujeira. Ouvi conversando sobre um tal de homem, uma espécie de animal nunca vista por aqui, disseram que eles tinham ferramentas e que estavam próximos daqui derrubando árvores e construindo uma coisa chamada fábrica. Minhas folhas estremeceram, e se eles chegassem até aqui? E se eles matassem a floresta?

Pouco a pouco o clima na floresta foi mudando, a sujeira no rio que hidratava os animais e era moradia de espécies aquáticas foi aumentando, o ar estava pesado e aquela serenidade não existia mais. Ruídos altos das ferramentas chegavam cada vez mais perto, os sons eram tão altos que assustavam todos, agora só tínhamos a noite para relaxar. A cada semana um grupo de homens aparecia e observava nossa floresta, faziam medições dos troncos e capturavam diversas aves, engaiolando-as e as levando para longe, tiravam os frutos das árvores, o equilíbrio estava se degradando. Minhas raízes começaram a perder energia e eu sentia fraqueza, mas eu me sentia responsável pelo nosso lar, sabia que como o meu diâmetro era muito largo eles não iriam conseguir construir nada aqui nessa região, então me esforcei ao máximo para ficar forte e saudável para proteger aquilo que me fez crescer.

Os homens achavam que sabiam de tudo sobre nós. Sim, eles tinham equipamentos diferentes de tudo que já tínhamos visto por aqui e desfrutavam de um conhecimento muito grande sobre muitas coisas. Mas era claro que eles não entendiam a harmonia e a complexidade das relações dos seres vivos. Estavam devastando um lar que demorou muito tempo para se formar para que pudessem construir algo que seria somente de uso deles. Certamente eles ainda tinham muito o que aprender. Então eles avançaram até chegarem a parte da floresta, eu não estava muito preocupada, sabia que em pouco tempo eles dariam meia volta e deixariam nossa terra em paz quando percebessem meu tamanho. E isso aconteceu. Depois que fizeram diversas medições em meu tronco eles se foram, e eu senti a maior sensação de alívio que já havia sentido em todos os meus 200 anos de vida..., mas infelizmente não durou, após uma semana uma máquina enorme apareceu na floresta, era imensa, e minha intuição disse que algo ruim estava próximo a acontecer. O grande objeto se aproximou lentamente e foi serrando cada pedaço do meu tronco, o meu peso não iria aguentar mais, enquanto eu caía toda a vida e toda a natureza daquele lugar que uma vez foi tão pacífico caiu comigo. Agora eu estava fraca, não sentia os nutrientes subindo para alimentar

meus galhos e folhas, os animais que viviam nos ninhos e tocas se foram, tudo agora era vazio. Durante o tempo que eu fiquei caída no chão da minha floresta até falecer só uma pergunta se passava dentro de mim: "Porque eles se acham mais importantes que nós?".

## 5º lugar juvenil – Eduardo Ferrara Barcellos

### A Missão

Aquela areia branca e áspera embaixo dos meus pés. O som do mar, que subia e limpava a areia branca e áspera embaixo dos meus pés. O vento que soprava calmamente e se juntava ao som do mar, que subia e limpava a areia branca e áspera embaixo dos meus pés. A lua cheia, lâmpada do céu, iluminava e cantava junto ao vento calmo que se juntava ao mesmo som do mar que subia, e repetidamente limpava a mesma areia branca e áspera debaixo de meus pequenos pés de garoto. Mal sabia eu, que naquela noite, presenciaria algo que mudaria totalmente a minha forma de ver o mar, o mesmo mar que limpava os meus pequenos pés.

Meu nome é Norman, sou um aposentado mergulhador e pesquisador de águas profundas. Provavelmente você nunca ouviu falar desta profissão, mas é por nossa causa, que você e toda a população conhecem esse mundo paralelo que é o fundo do mar. O oceano esconde mais segredos do que podemos imaginar, e mais do que podemos imaginar que imaginamos, mas antes de começar a contar minha história, e o porquê de eu ter me aposentado, quero fazer uma pergunta: Você já parou para pensar em como nasce uma lenda, ou um mito? Toda lenda ou mito surge de algo existente, uma verdade, que alguém algum dia viu, e contou para outras pessoas, e assim se espalhou, daí essa história sofre modificações ao longo do tempo, e se torna algo que pode ou não existir de verdade, isso é chamado mito e minha história é sobre como eu impedi que um lindo mito, fosse destruído.

Tudo começou na expedição mais significativa da minha carreira, já que iríamos em uma equipe de 6 pessoas e 1 submarino descer mais profundamente do que qualquer ser humano já havia descido, e para a época, nosso submarino era extremamente avançado e tecnológico, além do mais estávamos em uma operação sigilosa, devido a expectativa de todos de encontrar e capturar a sereia, que há 10 anos era alvo de cientistas e exploradores do mundo todo. Expectativa de todos, exceto a minha.

Antes de me tornar mergulhador, naquela noite de lua cheia, ventos calmos, onde meus pequenos pés se encontravam repetidamente com a gélida água do mar, eu havia tido um encontro com um ser resplandecente, que saíra espantosamente da água, em minha direção. Assustado, olhei em volta, na tentativa de chamar alguém, mas, com a praia deserta, eu fui o único a ter o privilégio daquela visão. O ser era uma mistura de ser humano e peixe, uma sereia. Ele não falava apenas me encarava, mas de alguma forma eu o ouvia, e compreendia o que ele dizia. Ele pedia minha ajuda, dizendo que em vinte anos, eu seria o único que poderia salvar sua espécie da exposição e manipulação do ser humano.

Naquele momento eu não compreendia afinal eu era só um garoto, mas podia sentir que aquele encontro seria a razão da minha vida.

Ali estava eu, vinte anos após o encontro que havia me marcado desde então, o coração acelerado, sabendo que a vida de um ser mitológico estava em minhas mãos, e que salvá-la era a missão da minha vida. A missão consistia em simples etapas: a primeira, descer na profundidade que se encontrava a sereia. A segunda, sair do submarino com equipamentos especiais e dardos

tranquilizantes, e capturá-la. A terceira levá-la aos laboratórios para ser torturada, pesquisada, manipulada, e descoberta pelos seres humanos, e eu teria que impedir isso.

Após a descida que durou algumas horas, nos encontrávamos num profundo breu. Parecia impossível a existência de qualquer vida por ali, a única coisa que podia ser vista, era o feixe da lanterna do submarino, e o único som que podia ser ouvido, era o de nossa respiração. Colocamos as máscaras, e pegamos nossos cilindros de oxigênio, e saímos nadando do submarino. A pressão em meus ouvidos era intensa e dolorosa, e me fazia querer voltar para a superfície. O som ensurdecedor das bolhas saindo do meu nariz era a única sensação que me fazia saber que estava vivo. Então, ela surgiu, sua luz não deixava dúvidas de que realmente era o ser que estávamos procurando. A beleza de seus movimentos, e a forma majestosa com que se aproximava, só confirmava a luta de minha vida, eu deveria salvá-la de nós. A equipe se comunicava por rádio, e se posicionava para arpoá-la, quando eu estrategicamente, sai da formação do grupo, e coloquei meu corpo protegendo o dela, bem na hora do disparo. Fui atingido pelo tranquilizante, e nos braços da rápida sereia, perdi os sentidos caindo em um escuro e profundo sono.

Aquela areia branca e áspera embaixo de minhas nadadeiras. O som do mar, que subia, e limpava a areia branca e áspera embaixo de meu corpo transformado. O vento, que soprava calmamente, e se juntava ao som do mar, que subia e limpava a areia branca e áspera embaixo de minhas guelras. A lua cheia, lâmpada do céu, iluminava e cantava junto ao vento calmo que se juntava ao mesmo som do mar que subia, e repetidamente limpava a mesma areia branca e áspera debaixo de meu corpo de sereia. Naquela noite, após salvar uma sereia, eu já não era mais humano. Dessa forma, aprendi como podemos nos aliar as forças da natureza das mais diversas formas possíveis, nos tornando parte dela. A natureza é suprema e poderosa, e por mais que nos voltemos contra, ela sempre se levantará muito maior do que qualquer um de nós.

Hoje, após cumprir minha missão, as sereias continuam como um mito, uma lenda protegida no fundo do mar, para onde volto e permaneço em meu novo lar.

## 6º lugar juvenil – Lizandra Paula Aghata dos Santos

### O indomável amor da Mãe Natureza

Há muito tempo atrás, quando o universo não possuía sequer um terço de toda sua imensidão, dois seres surgiram do vazio, os irmãos Sol e Lua. Esses seres experimentaram o primórdio de qualquer sentimento, uma atração intensa que resultou no nascimento de Gaia.

Também conhecida como mãe natureza e mãe Terra é uma entidade feminina, é pura, ingenua, infantil, jamais cruel e sempre justa. Recebeu de seus pais um reino, ao qual denominou de Terra, ali Gaia utilizou de seus poderes criativos gerando inúmeras criações, como plantas, rios, mares o céu e muitos outros, porém suas mais adoradas são aquelas em que ela colocou um pedaço de sua alma, são esses os conhecidos como seres vivos.

A Mãe Terra vivia feliz e tranquila em seu reino, quando seus pais que a vigiavam de longe, decidiram dar a ela um presente especial. Enquanto Gaia dormia os seres Sol e Lua retiraram um pouco do seu sangue, juntaram a matérias originadas da Terra e também um pedaço de cada um, assim foi feito um corpo semelhante ao de Gaia, e ao final os dois irmãos deram um pedaço de suas almas ao ser, como um sopro de vida, assim foi criado o homem.

Quando Gaia acordou de seu sono, encontrou ao seu lado um intrigante ser adormecido, ele se parecia com ela, pois possuía membros, olhos, boca e outras coisas, porém era maior, mais robusto e com cabelos mais curtos. Ela ficou observando-o maravilhada e assim que o humano acordou se deparou com um par de olhos lindos, um verde da cor dos campos e outro azul da cor do céu. Nesse marcante momento nasceu o mais precioso de todos sentimentos, o amor.

O homem se chamava Abba, e ele e Gaia se tornaram um casal, logo tiveram inúmeros filhos que disseminaram sua espécie, a humana, pela Terra. O amor de Gaia e Abba era lindo, puro e perfeito, e refletia a relação entre a natureza e os homens, bons tempos em que tudo era harmonia e amor. Porém subitamente e sem nenhuma explicação surgiu um intrigante sentimento no coração dos homens, a sede por poder, e esse sentimento abriu uma brecha para inúmeros outros, como a inveja, a arrogância, a crueldade, e finalmente o ódio. Nenhum humano conseguiu ficar totalmente livre desses sentimentos, inclusive Abba que teve seu coração enegrecido pela maldade, sucumbiu as trevas e foi levado pela sombra.

Os humanos estavam enlouquecidos, e em busca do poder começaram a ferir e maltratar a Natureza e seus filhos. Gaia vendo tanta destruição e maldade, e sentindo tanta tristeza pela perda de seu amante, foi pedir auxílio de seus pais, que disseram a ela: “Minha filha não se preocupe, os humanos pagaram por seus erros, no devido tempo, pois este é muito diferente para os mortais e os imortais, e os homens descobrirão que sua ruína se encontra neles mesmos.”

Gaia ficou muito entristecida pela fala de seu pai, pois como uma mãe, não quer ver seus filhos sofrerem, porém resignada compreendeu a situação e decidiu não mais interferir.

Muitos anos se passaram, e os humanos continuam nesse processo de destruição, pensando terem dominado a Natureza, porém essa apesar de não ser cruel, é indomável e apenas está resignada, deixando que tudo flua e sabendo que no fim o homem encontrara sua ruína, provavelmente sem nenhuma redenção.

## 7º lugar juvenil – Natalia Quezia da Silva Almeida

### O silêncio é um grito arrepiante

Sempre quis alguém que me ouvisse. Não aqueles pequenos dramas que faço de vez em sempre. Mas o que minha alma não sabe dizer, aliás sempre tive dúvida se tenho uma, ou algo relacionado a isso se é que me entende. Que fizessem um esforço para captar tudo aquilo que não sai da minha boca, porque não tenho uma.

Tão pequena e grande ao mesmo tempo, um arranha-céu pode ser meu tamanho, às vezes queria ser do tamanho de uma formiga, ah como amo as formigas. Sempre comigo. Os solos estão em minhas entranhas, nas raízes mais profundas ou até mesmo naquelas que qualquer ventinho derruba. Meu amado solo, para muitos pode ser insignificante, mas se por um milésimo de segundo que fosse, esses gigantes sem alma, escuros e frios, como a noite em minha casa. Parassem para refletir o valor, mesmo que em muitos lugares estejam sem vida secos com vãos que parecem não ter fim, ainda assim os recursos naturais que me são oferecidos estão ali, fonte da minha vida juntamente com ar, que ultimamente não anda lá essas coisas, pesado, sujo, carregado de podridão humana igual aquele sentimento sabe, que os gigantes sentem. Como é o nome mesmo? Que faz com que cada um olhe apenas para seu próprio umbigo, sem olhar o que prejudica os que estão em sua volta? Lembrei, ele pode ter vários nomes, EGOÍSMO, INDIVIDUALISMO, mais ainda assim o que se encaixa perfeitamente é a falta da capacidade de RACIOCINAR.

Às vezes penso que esses gigantes que se dizem tão superiores, com inovações a cada minuto, ainda não se desenvolveram. Não passam de analfabetos funcionais, que lêem, discutem, colocam em pauta suas opiniões que julgam serem inovadoras, até si sensibilizam e prometem mudanças. Falam tanto sobre natureza, poluição como se realmente se importassem. Chegam a mover fundos monetários, que servem como uma pequena fachada, para alienar aqueles que não buscam conhecimento e concordam com qualquer coisa que é dita, esses ai mesmo, que não possuem identidade, quem dirá autonomia para discutir sobre algo tão importante, essa atitude iria sobressair essa tal "superioridade" que dizem ter.

Eu poderia falar e falar mais de um milhão de motivos, pelo qual não se deve poluir, ou simplesmente os fatos que levaram o nosso querido " pé de feijão encantado" a essa decadência, como eu me sinto, seria como jogar pérolas aos porcos, falar com quem não dá a mínima importância. Mas deixo aqui uma oração, que cada gigante tenha a sabedoria igual da natureza, que não produz nada de supérfluo ou inútil.

Assim dou meu último suspiro depois de mil anos de vida, eu, essa árvore grande e velha, enraizada no meu próprio silêncio, me rendo e dou o grito mais ensurdecedor aquele que é calado e só quem grita sente, o que diz tudo e só ouve quem quer, INFELIZMENTE SUBMISSA, CONSUMADO.



## 8º lugar juvenil – Nathália Fernandes Vicentin

### Metamorfose Complexa

Eu estava muito suja, minha camiseta estava rasgada na região das costas. Estava ofegante e desesperada, mas continuava a correr o mais rápido que podia. O vento parecia não soprar mais. Uma mistura de gases irreconhecíveis pela população não permitia com que enxergássemos além de um metro a nossa frente. Eram tantos carros colidindo e desgovernados, sirenes de polícia e ambulância por toda parte. Crianças choravam como se o amanhã não fosse existir — o que era uma grande e perturbadora dúvida. Toda a população estava passando por um imenso distúrbio emocional. Gritavam. Pediam socorro e iniciavam suas rezas no meio das calçadas.

A cidade estava no pico do caos e eu apenas corria sem rumo nem noção de onde aquele estreito caminho me levaria. E por mais que morasse em Jundiaí há anos, não conseguia mais identificar nada nem ninguém. Queria fugir. Fugir de todo o mal que pairava naquele espaço lotado de ações e modificações antrópicas. Estava presa. Sentia-me como um peixe inserido em um minúsculo aquário. Sem saída. Sem atalho. Apenas sufocada pelas supostas adequações humanas.

Era quarta-feira. Quatro e cinquenta e três da tarde quando o primeiro prédio desmanchou-se. A natureza está triste. Magoada. Decepcionada. E principalmente, depressiva. Sinto que o motivo para esta metamorfose complexa é justa, coerente e esperada.

Posso dizer esperada posto que desde quando o sino da Igreja Matriz parou de soar e os pássaros desistiram de visitar a Praça das Bandeiras e o Jardim Botânico, algo inconveniente estava germinando.

“Árvores? Isso é de comer?”; “Serra do Japi? Ah, essa eu sei! É aquela nova grife, não?”; “Rio Jundiaí? Nossa, fácil! É para onde vai o que não nos é mais útil em casa, como o sofá que joguei naquele córrego semana passada. Afinal, para quê rio? Uma perda de espaço.”

A ignorância. O individualismo. A falta de harmonia. As tantas passagens desta para uma melhor... A natureza continuava a rebelar-se. Estava sendo fortemente maltratada por seres pertencentes ao mesmo espaço. Todavia, ela, como a rainha deste ecossistema, fazia do caos necessário.

Os carros continuavam a ser conduzidos desgovernadamente pela Avenida Nove de Julho. As ambulâncias e as viaturas policiais continuavam a fazer seu trabalho — que minuto a minuto, hora a hora, parecia tornar-se cada vez mais difícil controlar a fúria natural.

Eu continuava a correr. Minhas pernas cansadas já cambaleavam, mas não podia desistir de seguir aquele beco estreito que agora, totalmente escuro, ainda me levaria para algum lugar.

Ali! No final do beco — e eu continuava ofegante. No canto daquela calçada que unia-se com um carro de ponta cabeça. Embaixo. Bem encolhida. Pequena. A única que sobrara. Linda. Ainda perfumada. Era colorida e eu ia chegando cada vez mais perto. Mas os gases ainda pairavam pelo ar e dificultavam minha percepção. A esperança ardia meu peito. Essa situação não pode acabar assim. Quero ver. Vou ver. Estou lutando. Eu sei. Eu tive culpa neste caos também. Mas quero participar da

metamorfose do bem. Eu continuava a olhar fixamente para o colorido perfumado. Mas o gás era tóxico demais e eu...

## 9º lugar juvenil – Lorena Alves Matias

### O último suspiro da Terra

Plataforma 206 – 19/08/2204

Bosques são lindos. Bom, se por fotos eles são assim, imagino vê-los de perto, todo verde cheio de árvores, pássaros e cores. Mas eu nunca vou poder vê-los de perto.

Meu nome é Lauren, sou moradora da plataforma 206, que atualmente flutua sobre o devastado continente sul-americano. Ele ficou assim, a Terra inteira ficou assim após a derradeira 3º guerra mundial, no final do século 21. O mundo inteiro entrou em conflito por recursos naturais, principalmente os hídricos, e o país que mais sofreu foi o Brasil, foi dominado por vários países poderosos. Mas no fim as consequências da guerra também atingiram o solo brasileiro e a água foi contaminada, e milhares de plantas, animais e ecossistemas inteiros se extinguíram pelo mundo todo.

Desde então a Terra é uma bola altamente radioativa e destruída, onde nada vivo pode permanecer vivo. Não se tem perspectiva de retorno do homem a Terra.

Então os seres humanos sobreviventes passaram a morar nas plataformas, que são basicamente cidades flutuantes, com tratamento de água incrível e até plantações de árvores para produzirem oxigênio. As plataformas são autossuficientes em tudo.

Há uns 50 anos atrás chegaram à conclusão de que o ser humano não pode habitar outros planetas. Nossas plantas não vingam no solo de nenhum outro planeta. Os cientistas fizeram modificações genéticas para adaptarem as plantas a diferentes solos, e elas passaram a se reproduzir 30 vezes mais rápido, além de emitir um gás altamente tóxico para nós. Hoje em dia Marte é uma densa e selvagem floresta tóxica, por causa de testes feitos com essas plantas geneticamente alteradas lá.

Todos os estudiosos afirmam que a última chance do planeta Terra ser salvo foi durante o século 21. Ainda havia chance das coisas serem remendadas, a última chance que a natureza podia receber, mas os humanos apenas ajudaram a Terra a dar seu último suspiro, hoje não resta nada a ser feito.

Já ouvi histórias de que o homem nos seus primórdios usava a natureza como qualquer outro animal e não lhe causava nenhum mal, mas ele foi evoluindo, descobrindo ciências e desenvolvendo tecnologias, mas regredindo com a sua provedora, a natureza. E ele percebeu o mal que causava tarde demais, mas ainda haviam chances para consertar o que havia de errado, mas essas chances foram ignoradas. E a humanidade se entregou a uma guerra estúpida que acabou com o resto que ainda existia. A natureza ainda possuía muitos mistérios a serem desvendados, mas esses mistérios foram levados junto com ela quando o ser humano a destruiu.

O homem percebeu tarde demais o quão submisso e sujeito era a natureza, não soubemos reconhecer que tudo que tínhamos conseguido devíamos a natureza. Até chegar ao ponto que eu, nascida em 2189 nunca vou saber como é a sensação de sentir o cheiro de terra molhada pela chuva.

## 10º lugar juvenil – Gávila da Rocha Bastida Pinheiro

### Banhar-se novamente

Com os olhos cerrados, Jacira abraça o vento. Naquela cama, escutava o zumbido das vozes daquela gente toda da sua tribo. Podia sentir o toque da mãe natureza, seus lábios declarando emoções. Apesar de seu corpo estar paralisado, sua alma caminhava pela terra molhada, tinha os pensamentos voltados para o passado, onde as lembranças eram o que a cercava, era como um filme, lembrara-se de todas as vezes que caminhara ao léu com seus netos, como senhora guerrilheira, caçara por entre as árvores, vivera as estações definidas, sentira apenas o odor dos frutos. A terra? Ô terra, essa era molhada em abundância.

Houve uma época em que aqui em nossa terra só vivíamos nós, até chegar um povo para nos catequizar, então desandou tudo, as coisas começaram a mudar. Nossa terra já não era mais nossa, o homem por ser dotado de razão era superior e podia dominar os animais e vegetais, a natureza já não estava para ser observada e contemplada.

Os netos de Jacira a olhavam com compaixão, lágrimas rolavam uma após a outra. Com suas pequenas mãos, tocavam-lhe o rosto, pedindo para que mamãe natureza a trouxesse de volta.

Mesmo não estando consciente do que estava acontecendo, Jacira podia ter a sensação das lágrimas de seus netos a tocarem-na levemente. Ouvia os soluços, aquele lugar a deixava triste, preferia partir; se não fossem os homens da cidade, seu fim seria diferente.

Jacira se lembrara da conversa que teve com os povos catequizados, os quais diziam que havia várias definições sobre a natureza e logo pensara "mas como várias definições, se a natureza é isso aqui, é essa terra sadia, forte e bem sustentada?". O homem dominou.

Fez-se um silêncio perturbador naquele quarto, ouviam apenas soluços, só podia ter chegado sua hora, queria era poder se banhar no rio outra vez, tocar nas águas claras e limpas da sua terra, mas agora tudo se modificou, já não pode banhar-se duas vezes num mesmo rio.

## 11º Lugar juvenil – Lígia Borges

### As contas de Ernest

As sirenes ecoavam por todo o estado naquela tarde escura, os céus pintados com um cinza mesclado com o mais monótono azul-marinho. Não era a primeira vez que as circunstâncias imploravam que os caminhões de bombeiro riscassem as cidades numa figura complexa de fogo e dor, mas Ernest esperava que fosse a última. Estava apoiado nos joelhos e mãos em frente à única árvore remanescente na área, talvez no mundo. Seu suor regava a terra como uma contribuição salgada e enegrecida de fuligem para compensar o caos dos últimos meses. Seu bigode cheio e castanho, começando a imitar os poucos cabelos grisalhos em sua cabeça, provocaram a ponta quadrada do nariz angular e Ernest lembrou.

Duas noites antes, quando a chuva torrencial e ácida invadiu um terço dos continentes do Sul, seu filho acordou com tosses secas urgentes, alarmando ele a esposa. Não se incomodaram em vestir roupões, não, foram direto para o quarto do menino. Havia muito sangue, o qual escorria do nariz até as orelhas conforme a paralisia do garoto determinava. Da boca semiaberta jorravam outras boas golfadas em bolhas vermelhas e espessas. Ernest viu sua esposa em desespero tentando levantar o copo quase completamente inerte, talvez numa falha e patética tentativa de desengasgalo. Minutos depois, os gorgolejos cessaram.

Como numa indecente daquela realidade condenada, aquela mesma chuva começou a cair. As gotas finais, porém insistentes, ardiavam quando tocavam o corpo de Ernest aqui e ali. Ele não sabia dizer se foram minutos ou horas, quando a chuva tornou-se a cortina impenetrável que banhara o corpo de seu menino, mas a metamorfose se provou inevitável e Ernest lembrou.

Horas após o zelador levar os lençóis manchados de carmim e o corpo ser levado para o necrotério, os gritos de tristeza ainda eram emitidos da garganta de sua mulher. Ele não acreditava que fossem parar em momento algum, tampouco o queria. Os gritos dolorosos cabiam bem no cenário da realidade. Ernest continuava atônito, mas agora se encontrava sentado na poltrona da sala, de frente para a janela do caos, com um copo de conforto na mão. Seus olhos registravam a esposa preparando a corda branca, amarrando-a na grade de proteção da sacada e, posteriormente, seu pescoço fino. No entanto, nada foi registrado na mente de Ernest até muito mais tarde.

Com o ardor da nova queimadura ácida na mão direita, Ernest voltou para o momento atual. O estalo cerebral de desespero o fez trabalhar novamente. Checou os itens que havia trazido (eram de vital importância): uma carta que ninguém leria, um cantil do tal conforto, uma faca afiada. Ernest lembrou pela última vez.

Como uma grande figura política, detinha grande influência sobre todos. Grande o suficiente para ter acabado com as queimadas, os despejos de esgotos em rios e mares, a exploração doentia de espécies da fauna e da flora. Ou então grande o suficiente para continuar com as ações nocivas “em nome do progresso”, e assim o fez. Ajudara a destruir o mundo que conhecia e agora todos pagavam as contas. Sua mulher e filho unigênito, principalmente.

Tomou um gole do conforto, depositou a carta de despedidas e lamentos no pé da árvore, um majestoso salgueiro. Tomou a faca e a usou em três pontos do corpo eficientemente, os pulsos e

o pescoço, antes de sentir qualquer dor e, ao lado da carta, enrolou-se entre as raízes. Arrependeu-se de tudo o que fizera em vida e pagou a sua parcela das contas.

## 12º Lugar juvenil – Endy Hassegawa Silva Miyamoto

### Natureza adormecida

Estou morrendo, sim, morrendo no sentido literal, abandonando esse mundo. Mas não pensem que sou velho, ainda não entrei nem em meus 30 anos de idade, acabei por matar a mim mesmo e creio que muitos outros, ao mesmo tempo que eu, erraram para com aquela sobre quem irei falar.

Esta é a última história que vou contar, sinto profundamente que meu tempo já se esgotou. Minhas horas finais serão gastas nesse relato, uma tentativa de amenizar meu pecado, mesmo sem que haja perdão para ele.

Meu relato gira em torno de uma amiga de infância, a qual trai sem nenhum tipo de remorso ou culpa, que agora recaem sobre mim e o mundo. A conheço desde sempre, tive sua companhia até mesmo antes de nascer, meus pais já compartilhavam de sua presença, lembro dela participar de todas as minhas brincadeiras com suas borboletas, flores e os passarinhos, ela me dava tudo, ofertou a mim, minhas maiores alegrias. Pulando para minha adolescência, foi embaixo de suas árvores que declarei meus primeiros amores, dei meu primeiro beijo.

Cresci, e a deixei de lado, já não lhe dava o devido valor, continuava a usufruir de seus presentes, mas nunca retribuía, nunca dava nada em troca, dia após dia eu exigia mais dela, e durante muitos anos ela ainda continuava a me oferecer tudo o que eu precisava para sobreviver, evolui por conta dela, muitas vezes ela que, de uma maneira as vezes meio agressiva, me empurrava para novos horizontes, e além de mim ela fazia tudo isso com muitas outras pessoas, com o mundo inteiro. Conforme tirávamos, ela sempre dava um jeito de se reestruturar e prosseguir com os mimos, mas com o tempo o esforço se tornou demais, ela adoecia, já não podia mais regenerar nossos abusos, além disso marcas profundas começaram a aparecer, não conseguia se curar mais e por conta disso muitos desastres aconteceram.

Ela tentou nos avisar, mas estávamos surdos para seus gritos e cegos para as suas marcas, um dia então ela se esgotou, não havia mais recursos. Então para sua própria proteção ela sumiu, recolheu-se em algum lugar, onde ninguém sabe, parou de ofertar, perdemos então pouco a pouco as cores dos dias, começamos a morrer. Abusamos, perdemos o controle e agora já não somos a espécie dominante, o topo da cadeia alimentar, pois nosso próprio ego devorou nosso próprio ser. Alguns dizem que ela morreu, que o planeta está perdido, condenado, mas eu acredito que ela se encontra adormecida, recolhida, cuidando das próprias feridas, para quando voltar, estar perfeita, sempre ofertando e com seu enorme poder de regeneração.

Ah! Que falta sinto de você, minha amiga, Natureza. Mas já não poderei vê-la novamente, para reparar meus erros, deixo então por escrito minhas desculpas, para as próximas gerações não cometerem as mesmas falhas.

Escrevo então minhas últimas palavras, pois em meus pulmões não há ar e meu coração já está parando, espero que vocês tenham compreendido a mensagem porque nesse momento me calo e posso partir satisfeito pois pude me redimir de alguma forma.

## 1º lugar adulto – Adriana Guardiana Nogueira Silva

### Ampliando o olhar

No jornal dizia ser inverno, mas o mormaço derretia as maquiagens e desfazia as mais resistentes progressivas. Meu dia se dissolvia na esperança por um sorvete, um picolé ou um chupe-chupe que fosse.

Nove da manhã e um grão de milho se tornaria pipoca facilmente sob o asfalto. Era sábado e minha filha insistia em ir ao shopping. Eu já imaginava o show de pernas e umbigos de fora, as filas e o ar-condicionado congestionando minhas narinas, mas não refrescando em nada meus 1,73m de pura decadência sedentária. Pense que engordei cinquenta quilos na gravidez, perdi vinte cinco em alguns meses e os reencontrei ao longo de um ano.

Queria me justificar. Talvez o estresse de ter uma irmã com esclerose múltipla, talvez a falta de grana incessante, um pedreiro que demorara uma eternidade para assentar os pisos da cozinha, ou sei lá, pizzas e chocolates mesmo.

-Tá, vamos ao shopping!

Minha filha demorou no banho, meu marido mais ainda e eu, deixei para fazer tudo: depilar as pernas, as axilas, escovar os dentes, colocar máscara nos cabelos, tudo sob a água. Sabia que aquilo era errado, mas dizia para mim mesma: “eu mereço isso!” Mereço porque minha vida é corrida e esse é um momento só meu.

Mais alguns minutos no secador, pronto.

Meu marido colocava água no radiador o que já me desestabilizou. Estava irritada, dias de mulher, mas claro, mantive a boca fechada e a aparente lucidez.

Entramos no carro e logo no primeiro semáforo, um menino foi limpando o para-brisa. Não deu tempo de dizer nada. Ele simplesmente jogou a água encardida no vidro e cantarolava algo tão desconexo quanto ele. Esfregava um pano surrado e depois percorria um rodinho manco que fazia ranger os dentes.

Demos um real ao final daquele equívoco, afinal, era um mal necessário, um agouro do apocalipse. Aquela cena de suor e água turva escorrendo, sem vento, sem brisa, a moeda raquítica e, finalmente, o “Deus lhe pague!”

Chegamos e como já imaginava, a cena parecia um déjà vu. Compramos água engarrafada logo de cara, mas foram necessárias três delas para amenizar aquela tarde. A sensação era de desidratação, de secura constante, de olhos batendo secos e pele rachada.

Nem sei quantas vezes passei em frente das mesmas lojas, mas por um momento, não sei o porquê, pensei na sede, não a minha que era momentânea, mas de tantos que bebem o caldo do lavador do sinal vermelho, dos que cavam a terra para sorver entre lama e argila um gole, dos que esperam que eu desligue o chuveiro antes que toda a esperança vá pelo ralo. Por um minuto eu pensei neles.



Gente que eu não vejo o rosto porque os espelhos fluídos das fontes desapareceram. Era sábado de inverno a mais de quarenta graus.

## 2º lugar adulto – Leandro do Prado Ribeiro

O problema do cigarro;

O trabalho na barraca de suco a beira mar, em pleno sábado de sol estava certo que seria provisório. Porém era comum imaginar sobre o quanto seria interessante passar mais do que férias no litoral, e poder trabalhar durante todo verão a observar a areia branca, o mar azul e os tantos biquínis variados.

O lugar onde meu tio Carlos fixou moradia no auge dos anos 70 era um local pouco habitado e um tanto irregular. Na época, segundo minha tia Luiza, a família queria interna-lo e davam-no como louco de pedra.

- Morar numa pirambeira tendo o mar como parede de fundo? Isso é atitude de pessoa sem juízo! – repetia a tia Luiza, imitando minha vó, sempre que o assunto vinha à tona.

- Deixe disso mulher, eu sabia que esse lugar “daria frutos”!

Previendo ou não, fato foi que a região nos últimos vinte anos passou a ser valorizada e frequentada por grandes personalidades e figurões da alta burguesia. A praia sempre cheia mostrava a força do turismo local, que nessa época do ano sofria com engarrafamentos de causar espanto.

-Tio, já pensou em voltar pro interior e morar lá novamente?

- Atender os “magnatas” e fazer vitaminas é o que sei fazer na vida “peixe”! Sem contar que o litoral já é meu quintal!

Meu tio já era praticamente um nativo.

Certa tarde houve muita chuva e a água acumulada subiu tanto que tivemos que recolher alguns utensílios, aparelhos de eletrodomésticos além dos produtos e frutas, antes de deixar o recinto com o nível na cintura. São as baixas da alta estação, dizia meu tio.

No dia seguinte ao lavar as paredes, reestabelecer os móveis e reorganizar a bagunça, pude ouvir uma conversa de um suposto engenheiro que avaliava algumas fachadas e a topografia no entorno da encosta, próximo ao meu local de trabalho. A camisa social e a calça jeans, além do capacete de segurança denunciavam sua formação.

- Temos aqui um problema de vertentes e lixo senhores! O local sofre um grande escoamento de água proveniente da chuva e ao se deparar com lixo espalhado nas guias e bocas de lobo; não consegue seguir caminho. Dai o alagamento!

Apesar de entender quase nada de toda frase dita pelo homem, fiz uma associação daquilo que ouvira e o tanto que havia de lixo no entorno do bairro. Os carrões modernos, as lanchas brancas polidas e as mansões cinematográficas espalhadas pela orla, escondiam todos os pontos onde as embalagens eram amontoadas e pilhas contendo lixo doméstico eram estacionados em locais impróprios e saturados.

Logo a beira mar, duas distintas senhoras sentadas no banco de veraneio ao meu lado começaram uma pequena conversas sobre os problemas ambientais enfrentados nos últimos dias. Limpando algumas cadeiras, permaneci a alguns passos:

- Notou como a natureza esta a cada dia mais descontrolada e perigosa? Viu a enchente de ontem amiga?

- Vi e sofri "my best " ! Esse alagamento me fez perder o voo para Nova Iorque. Tenho que arrumar outra casa de veraneio, em um local que isso não ocorra. Perder viagens assim, de negócios, é impensável para mim!

- Você tem razão. Esses alagamentos, esse lixo e essa bagunça também me fará mudar de ares no próximo verão!

- Só me resta contatar meu corretor imobiliário e pedir socorro. Não vou mais ficar por aqui, pois o glamour já se foi tem algum tempo, e precisamos segui-lo urgentemente!

Enquanto bebia uma agua de coco e mostrava suas joias, a senhora estava decidida que ali não era mais o seu lugar. O engenheiro não tinha explicado a elas sobre tudo que causava aqueles contra tempos.

Ao se levantar, a senhora de menor estatura arremessou uma embalagem de sorvete de "Creme" ao canto da calçada, enquanto se preparava para tragar um cigarro de filtro branco.

A outra senhora não ficou atrás e tratou de acender outro cigarro na carona da amiga, depois abandonou a casca do coco verde no canto do banco.

De pé, espremeu o maço, esbravejou mais duas ou três frases e arremessou a embalagem que passou longe do cesto já lotado. Em seguida seguiram seus cursos.

Naquele instante me ocorreu o óbvio: - Claro! Porque não pensei nisso antes?! O problema daqui só pode ser o cigarro.

### 3º lugar adulto – Samara Luna Santos

#### A generosidade de uma mangueira

Olho para o espelho. Há muito venho fugindo desse momento. O confronto tão adiado. Os anos não perdoaram e passaram como uma tarde de domingo sentada embaixo daquela mangueira na casa do papai, rápido demais.

E então, nos traços da minha face começo a reconhecer as marcas do tronco da mangueira. Eles estão profundos, fruto dos anos vividos, dos mais de sessenta. Então me invade uma saudade, dessas que dói no peito, da minha grande amiga e dos anos que passei sentada embaixo dela, compartilhando segredos, desfrutando daquela sombra agradável que só ela sabia proporcionar e deliciando seus frutos.... Sim! Como estes eram saborosos...Minha boca enche d'água só de lembrar. O sorriso invade meus lábios e eu penso que estou me tornando uma velhota muito sentimental.

Mas inevitável, de tão bom, começo a me recordar que ano a ano a mangueira carregava de frutos e muito generosamente os depositava aos meus pés, sem que eu precisasse pedir ou escalar entre os seus galhos. E a gargalhada se torna inevitável quando me lembro que após uma minuciosa escolha eu os devorava ali mesmo embaixo da árvore fazendo escorrer o caldo grosso por minhas roupas, fazendo mamãe ter um ataque de fúria à beira do tanque. Mas valia tão a pena que mesmo os sermões seguidos dela não conseguiam azedar aquela doçura das minhas saborosas mangas.

E então acontece, a ideia talvez mais tola que tive nos últimos anos, decido procurar um pé de manga, um que eu possa sentar embaixo e descansar meus pés e costas cansados. Pego as chaves do carro e ensaio uma corrida à porta, mas paro. Que devaneio é esse? Onde encontrar um pé de manga nessa cidade?

Não custa tentar. Rodo, rodo pela cidade toda, perco horas a fio nesse trânsito caótico. Procuo lugares que outrora possuíam inúmeras árvores frutíferas, mas não me surpreendo ao ver prédios e mais prédios nesses lugares. A tarde chega e os pulmões já começam a dar sinais que estão cansados de respirar tantos gases emitidos pelas fábricas maria-fumaça. A noite chega sorrateira. Paro um instante para observar a cidade, toda iluminada, especialmente por seus toldos comerciais, seus arranha-céus, suas empresas gigantescas que nunca param de trabalhar e penso que talvez essa seja a imagem mais escancarada do que representa nosso mundo atualmente e me pergunto quantos pés de manga, de laranja, de goiaba deram lugar a esse mar de concreto?

Decido ir embora para casa, desolada por não ter encontrado um pé de manga que fosse, e um grande amargor me vem à garganta, decorrente não de nada ingerido, mas da consciência, que num solavanco me invade e grita aos meus ouvidos que também sou culpada por não existirem mais pés de manga na minha cidade.

A vida passou tão rápida que em meio àquela correria de ganhar o pão de cada dia, criar os filhos, lutar por sempre ter isso, ter aquilo, conquistar, acabei me esquecendo do relacionamento tão próximo que tinha com a natureza representada por aquele pé de manga que tanto me dava sem pedir nada em troca. Em meio a tantos pensamentos adormeço.

Na manhã seguinte acordo cedinho, tomo um café bem reforçado porque a viagem vai ser longa, mas um alento me dá coragem para encarar a distância a ser percorrida.

Chego àquela estradinha que me é tão familiar e o coração prontamente dispara. Entro na casa, vejo que todos os móveis estão cobertos, que ninguém se hospedou recentemente, que meus netos não querem saber de ficar tão longe da cidade.

Deixo a mala sobre o sofá e me dirijo aos fundos da chacinha. O matagal está alto e denso, há muito ninguém vem capinar. Me embrenho.

Após inúmeros arranhões nos braços me dou conta que há muito não sou mais uma menina e penso obviamente em desistir, mas persisto. Após incansável luta em meio ao matagal saio vitoriosa.

E como uma miragem a vejo. Ela está ali, tão linda quanto eu me lembrava e agora tão velhinha como eu. Me dirijo até ela, peço desculpas pelo longo tempo ausente e ela parece entender. Tiro os sapatos e no instante em que meus pés tocam a terra sinto uma carga de energia invadir e percorrer todo meu corpo, como se ela me desse as boas-vindas e compartilhasse comigo todos os seus mistérios, nos tornando íntimas novamente. Que sensação maravilhosa! Com cuidado me sento, repouso minhas costas naquela velha amiga e me dou conta que não gostaria de estar em nenhum outro lugar senão naquele. E como se já não fosse bom o bastante, que a alegria já não fosse suficiente, a minha velha amiga me surpreende mais uma vez e num ato de pura generosidade, ao lado dos meus pés cansados ela me oferece um de seus belos frutos.

#### 4º lugar adulto – Daniela Cristina Botti Hayashida

##### Ó Pátria amada, reciclada e preservada Brasil

Era madrugada quando acordei com um barulhinho ensurdecador... Era o som de gotinhas de água caindo do meu chuveiro. Fiquei por um momento atenta à aquela música molhada, tão molhada quanto a minha face com o rolar das minhas lágrimas diante da situação. Era o décimo primeiro dia que o coral de gotas havia emudecido, décimo primeiro dia de seca intensa, louças empilhadas na pia, cabelo com aroma de semanas anteriores, banho de canequinha, escovação de dentes com água engarrafada... E hoje, desperto com uma linda canção, orquestrada pela gota de esperança que ainda me resta para preservar um bem comum e tão valioso para a sobrevivência da humanidade. Mesmo querendo escutar tal barulhento gotejar, corri com o balde para resgatar e preservar aquelas minúsculas gotas, afinal, unidas podem molhar muitas gente, acariciar muitas peles em banhos, renovar e hidratar sedentos famintos. Diante dessa cena, impossível não pensar no caos que o ser humano provocou em seu próprio habitat. Lembranças... tão bom recordar! Não faz muito tempo em que florestas eram imensas e verdinhas e o povo brasileiro enchia a boca para entoar o Hino Nacional "Do que a terra mais garrida/ Teus risonhos lindos campos têm mais flores/Nossos bosques têm mais vida...". Nossos bosques não têm mais tanta vida, nossas florestas estão cheias de buracos em sua paisagem devido ao desmatamento para venda ilegal de madeira e a busca incessante por pedaços de terras que geram milhares de reais na construção de edifícios no solo virgem, concretando de vez o nosso futuro.

Lembro que sair sem protetor solar não era um pecado capital, pois a única função do sol era aquecer e alegrar o dia em um "céu risonho e límpido"... Sim! Seus raios fúlgidos eram de liberdade, hoje, com a poluição e destruição da camada de ozônio, ai dos sardentos e desprevenidos! Os raios solares aprisionam muitas pessoas ao câncer de pele, ironicamente a atmosfera tem se vingado dos seres considerados "pensantes" por seus atos impensados. Que saudade da minha infância, de quando eu ia à praia e podia ver o encontro do rio com o mar, era o acasalamento natural e poético mais perfeito e metrificado que os meus olhos poderiam ter registrado, hoje os rios secaram e consequentemente os poemas perderam o encanto de seus versos. Do céu à terra éramos "gigantes pela própria Natureza"... Digo éramos porque hoje nossa terra está pálida, ressequida, infeliz e por nossa causa. Isso mesmo, a culpa é minha e sua também. Salve! Salve! Cadê o povo heroico para dar o brado retumbante? Serão impávidos? Ao maltratar a Natureza, literalmente desafiamos nosso peito à própria morte. O ser humano ainda não se deu conta de que a Natureza vive sem o homem, mas não há vida humana sem Ela. Por sorte, ainda há tempo para recuperar nossa terra colossal. Juntos e com pequenas mudanças podemos fazer toda a diferença no cotidiano do nosso planeta. Por isso, feche a torneira, recicle, use menos poluentes, não jogue lixo no chão, cuide dos animais, faça coleta seletiva, reduza o volume de lixo gerado na sua casa, pratique a sustentabilidade, não desperdice, reutilize coisas, economize água, replique boas práticas de preservação, plante uma árvore, preserve o meio ambiente, respire melhor, viva melhor... E, um dia, talvez não muito longínquo, eu possa contar aos meus filhos e netos como eu fazia para captar água de madrugada porque a natureza queria dar uma lição ao ser humano e como a lição foi aprendida, poderei explicar o por quê foi adicionado um novo verso ao Hino Nacional Brasileiro e juntos cantaremos bem alto: Ó Pátria amada, reciclada, preservada Brasil!

## GERAÇÃO VERDE

Sentado à frente do computador a mais de quatro horas, conectado à internet e ao mundo, me surpreendi com uma reportagem intitulada “Geração Verde”, a qual informava que as gerações atuais estão empenhadas na preservação do Meio Ambiente. A notícia buscava conscientizar os leitores da importância de preservar o que outras gerações exploraram de maneira desenfreada. Senti um grande alívio!

Empolgado e orgulhoso por fazer parte de uma geração consciente e ativa, entrei na sala e encontrei minha avó mexendo aquelas mãos, agulhas e lã com uma invejada habilidade. Contei-lhe que faço parte da “Geração Verde”, pois estamos tentando preservar os recursos naturais que ainda nos restam e que outras gerações trataram de maneira inadequada.

Olhando-me através de seus óculos com a testa franzida e a sobrelha alta, escutei da minha avó: - Realmente não tivemos muita preocupação em preservar o Meio Ambiente. Foram raros os momentos em que pensamos em reciclar, pois as garrafas de leite e refrigerante retornavam às lojas e fábricas e não tínhamos uma imensidão de garrafas pets jogadas nos rios e oceanos.

Embalávamos nossas compras, cuidadosamente, com jornais e não com plástico bolha. Não tínhamos um aparelho televisão ligado em cada cômodo da casa consumindo enorme quantidade de energia elétrica, pois nossas maiores diversões eram as conversas na calçada e as brincadeiras na rua. Ao supermercado e à feira, íamos acompanhados por nossos carrinhos, pois não existia a necessidade de sacolas plásticas. Caminhávamos horas, abusávamos das bicicletas e não descarregávamos no ar uma quantidade assustadora de monóxido de carbono. Respirávamos ar puro! Talvez, minha geração não preservou adequadamente o ambiente...

Voltei ao computador e ao meu “mundo” pensativo: qual cor teria a geração da minha avó?

## 6º lugar adulto – Mariana Mariussi Redigolo

### A piscina de Janjão

A poça d'água enlameada tinha um metro de comprimento, cinquenta centímetros de largura e meio palmo de profundidade e era mais que suficiente. Janjão, o vira-lata da casa da esquina, cachorro grande, preto e amigável, estava se refestelando na piscina improvisada, cortesia de um cano de água estourado duas quadras acima que em seu caminho rua abaixo contribuía para a diversão do animal. No ponto de ônibus do outro lado da rua estava eu, sentindo inveja do dog que rolava na água barrenta.

Não era um dia de verão, mas como há muito tempo as estações do ano não correspondiam mais ao clima que se esperava delas, a sensação térmica era de cozimento lento. Eu me dividia entre desejar que o ônibus chegasse logo e finalmente ir para casa depois de um dia cansativo e o arrepio que me dava pensar no percurso dentro da condução lotada. E nem a perspectiva de um banho gelado e demorado eu tinha: o fornecimento de água estava instável há meses, na maior parte do tempo nem uma gota saía das torneiras. Os comentários das outras pessoas no ponto só confirmavam a situação: com o mesmo ar abatido e suado causado pelo calor intenso, todas reclamavam da absurda quantidade de água se perdendo bem na nossa frente.

Voltei a olhar para o Janjão, que estava com metade do corpo na água e metade na calçada, tirando um cochilo, e pensei em como toda a questão dos seres humanos destruindo o planeta, do mundo se tornando inabitável para as pessoas e as tentativas de reverter esse processo com painéis solares, reflorestamento e reciclagem eram irrelevantes para ele. O cachorro não precisava correr atrás do estrago que tinha feito ao planeta porque os maiores danos que já causara foram a destruição do vaso de salsinha da sua dona e os sacos de lixo rasgados da vizinhança. Para ele, a água correndo pela sarjeta não representava o terrível desperdício de um recurso natural extremamente valioso e cada vez mais raro. Quem tinha consciência disso era eu, junto com a certeza dos erros do passado em nossa relação com a natureza e a insegurança a respeito do futuro em um mundo povoado e explorado até o limite.

Desconfiei que as outras pessoas no ponto de ônibus também sentiam isso, percebi que algumas olhavam para o cão com inveja e um pouco de pesar. O ônibus finalmente chegou. Quando o veículo abriu as portas subi os degraus com a decisão de me envolver mais em ações ambientalistas. Por mais pequenos e paliativos que meus esforços pudessem ser eles eram necessários, o meio ambiente estava carente de todo tipo de ajuda. Meu plano era chegar em casa e pesquisar na internet por grupos e iniciativas a que eu pudesse me juntar na minha cidade. Mas o que eu queria mesmo, o que eu realmente desejava, era brincar naquela poça d'água com o Janjão.



## 7º lugar adulto – Mariana Antonelli

### Árvores também choram?

O sinaleiro estava aberto para os pedestres e eu estava prestes a atravessar a rua. Mas preferi aproveitar um pouco mais a sombra da árvore sob a qual estava naquela tarde de verão. Esperaria mais um ou dois intervalos de abertura do sinal até que eu pudesse retirar da bolsa lenços de papel para secar o suor. Tinha uma consulta médica e não queria chegar molhado. Eram raras as árvores no centro da cidade e sabia que no trajeto do estacionamento até o consultório encontraria, com sorte, no máximo, mais uma sombra incompleta delas.

Não quis arriscar, esperei ali mesmo. Enquanto esperava, um carro parou na minha direção. De dentro dele, vi ser lançada uma latinha de refrigerante. Indignado, olhei para dentro do carro. Queria só ver a ver a cara da criança malcriada ao ser pega no flagra! Mas, para a minha surpresa, descobri que não era uma criança, e sim uma moça. A displicência era tanta, que além da ação anterior, ela ainda falava ao celular. Com inúmeras sacolas de compras no banco do passageiro, pouco se importou ao se deparar com meu olhar de repreensão.

Certamente, nem passava pela cabeça dela o que era ter atitudes conscientes, como usar transporte público para gerar menos emissão de gases, deixar o instinto consumista e comprar apenas o necessário, ou simplesmente jogar uma latinha vazia no lixo. Enfim... o sinaleiro abriu e ela partiu. Embora meu instinto quisesse fazer com que eu imediatamente me abaixasse para pegar a latinha do chão, não o fiz pelo exato motivo da minha consulta, minhas dores nas costas. Resolvi pedir a ajuda para um garoto que também presenciara a atitude irresponsável. Solicitei a ela a gentileza de recolher a latinha. Acho que ele não me ouviu, pois estava com fone de ouvido. Porém, a mãe do garoto ouviu e, ainda que desgostosa, para não ficar chato, ela se abaixou, pegou-a e a jogou fora... Pena que na lixeira errada! Havia quatro lixeiras distintas e não sei se de má vontade, de pirraça ou ignorância mesmo, ela jogou na de cor vermelha, que deveria ser de plástico.

De consciência limpa, voltei a prestar atenção no sinaleiro, pois mais um pouco e perderia a hora da consulta. O sinal abriu para os pedestres, mas, desta vez, não deu para atravessar a rua, pois haviam carros parados em cima da faixa. No trânsito das grandes cidades, isso acaba acontecendo, já que a quantidade de carros aumenta e as adaptações urbanísticas não avançam proporcionalmente. Com a paciência que me foi dada, resolvi apenas esperar, sem xingamentos como outros fizeram. Mais paciência ainda me foi exigida quando, ainda sob a árvore e determinado a prosseguir assim que o cruzamento estivesse livre, fui atingido por uma nuvem de fumaça de um escapamento, que me deixou com cheiro de combustível, manchando a minha roupa.

Pois quando, finalmente, os carros saíram da faixa e eu resolvi atravessar a rua... senti uma gota cair na minha careca! Olhei para cima e não havia nada, a não ser a copa daquela árvore. Como em uma despedida, ela parecia querer me dizer algo. Tive a sensação de que só eu entendi o que ela quis dizer. Para muitos, uma gota de orvalho... para mim, uma lágrima de tristeza.

Visivelmente sensibilizado pelos últimos acontecimentos, cheguei ao consultório. Adentrei e vesti meu casaco, não para esconder a mancha que havia na minha roupa, mas para me proteger do frio congelante e exagerado do ar condicionado. Como o médico era um velho conhecido, assim que me viu, perguntou quais eram as novidades. "Árvores também choram", respondi, querendo

compartilhar o que acontecera. Em tom de deboche, ele retrucou: "Sou médico para tratar da sua coluna, para suas alucinações vai ter que procurar outro especialista."

Eu sorri por fora, para não ser inconveniente, mas chorei por dentro. Nesta tarde, percebi que as árvores também sorriem por fora, quando produzem frutos e flores, ainda que estejam chorando por dentro.

## 8º lugar adulto – Midiam Talita Laureano

### Café passado de uma manhã presente

O pai tomava café enquanto lia o jornal, algumas notícias definitivamente não combinavam com aquele feriado ensolarado, mas aquela atividade era um costume cultivado ao longo dos anos, que ele não pretendia abolir.

Olhou sob os óculos de leitura, avistando a pequena garotinha à sua frente, enquanto o leite com chocolate esfriava, seus dedos mais pareciam dançar sob a tela de um aparelho qualquer. Celular, televisão e internet, tudo compactado num pequeno aparelho que ele sequer sonhava em ter quando pequeno.

A vida na fazenda, simples, mas com momentos que sua mente fazia questão de se lembrar. Os banhos de rio, as frutas colhidas no pé, o galo que era o melhor despertador que alguém podia inventar, as caminhadas ao ar livre, aliás que ar puro! Algo em extinção hoje em dia. Suspirou. Como era bom ter do que se lembrar. Olhou para a pequena cicatriz no braço esquerdo, fruto das inúmeras quedas de árvores. E percebeu que tudo aquilo valeu a pena.

Seu maior sonho quando criança, era uma casa na árvore. “Qual será o sonho das crianças de hoje? “. Um frio tomou-lhe a espinha ao perceber que temia a resposta.

Seus olhos voltaram-se para o jornal e leu alguma manchete sobre a crise hídrica. A crise ainda não havia afetado seu condomínio. “Ainda”. Virou a página. “Mobilização de jovens para salvar árvore histórica”. Poderia ser uma notícia qualquer, se a esperança não tivesse tomado conta de si.

Enquanto ele próprio desfazia seus conceitos, sobre a alienação de todos os jovens, questionou-se sobre que tipo de mulher aquela garotinha seria.

A garota de cinco anos que só conhecia os animais pela televisão, que achava que aquele leite, agora frio, brotava da geladeira e que perdia feriados ensolarados, como aquele, sentada, com os olhos vidrados num computador, celular, ou sabe se lá que nome ainda vão inventar.

Não era o que ele queria. Embora o conforto de seu enorme apartamento fosse algo tentador, ele sabia que uma atitude precisava ser tomada. Levantou-se, pegou o telefone e fez uma ligação, talvez a mais importante da sua vida, não aquela que fecha negócios, mas a do tipo que retoma laços. A filha, que gastava a última “vida” de seu novo joguinho, não notou, mas lágrimas rolaram dos olhos do pai ao desligar o telefone. “Cortar o mal pela raiz”, seu pai sempre dizia e agora essas palavras, mais do que nunca, faziam sentido.

Chamou três vezes, até ter a atenção da filha. “Vamos viajar esta tarde”. “Para onde? “. Sem titubear, respondeu: “ Para onde os sonhos nascem, onde o vento canta, onde as águas dançam e as árvores declamam poesia”.

## 9º lugar adulto – Renan Nalin

### Chove ou não chove?

Foi durante o pequeno trajeto que compreende a entrada do hospital até o estacionamento, que ao sair do trabalho, entre meias conversas e cumprimentos dos colegas uma pergunta específica me assombrou. Um colega me cumprimentou e na mais inocente das intenções, me perguntou:

— E aí, chove ou não chove?

Em um breve momento, minha mente divagou.

Esta questão era profunda demais.

É curioso perceber como esse sentimento de importância se revele, algumas vezes até mesmo de maneira subconsciente. Sem descomedimentos, falar do tempo é algo que está enraizado no hábito humano. É assunto de poucos minutos, um traje de cordialidade. Quem nunca comentou "Está quente hoje" ou "Acho que vai chover"? Mesmo que isso não faça diferença alguma em nosso dia, inconscientemente, sabemos da importância do agir da natureza.

Reis e faraós faziam exatamente esta mesma pergunta aos seus sacerdotes. Outrora a incerteza da resposta poderia me custar a vida. Todo o povo dependia da resposta a essa indagação. E ela ainda continua jogando os dados com nosso destino.

Era tão importante que se a chuva não viesse, acreditavam que alguém andava ofendendo ou chateando os seres divinos. Falta de chuva era sinônimo de castigo. – E como nosso povo já fora castigado! Por quantas vidas a foice não passou com gosto de pó, pelas gargantas secas daqueles que sonhavam com gotas de água. Até Baleia, de sede já morreu. – Mas não foi com chuva que Deus castigou o povo de Noé, despejando aquele dilúvio? – Que ironia, destruir a vida do planeta com o berço que a trouxe até aqui.

A vida se rastejou das águas para evoluir na terra mas mesmo após milhões de anos, todos os seres vivos carregam esse vínculo que não pode ser quebrado. Para viver, todos precisamos recorrer até ela.

Desde sempre soubemos que éramos subordinados. Ainda melhor, necessitados. Mas o Homem se tornou moderno, independente. Começamos a empinar o nariz e tapar os ouvidos para os alertas dos ajuizados. A acreditar que tudo sempre foi e sempre será assim. Nos tornamos superiores demais para nos preocupar com coisas pequenas como rios e florestas. Nos tornamos bons em consumir e tornar as coisas descartáveis (até as pessoas). E bons demais para nos preocupar com o lixo que produzimos ou para onde ele vai.

Nossa arrogância se faz véu sobre nossos olhos, esquecemos da nossa primeira Mãe. Aquela que cuidou de nós enquanto a humanidade ainda engatinhava, e agora como uma mulher idosa, ela pede ajuda: que olhemos com um pouco mais de zelo para suas estruturas fraquejadas e delicadas. Para as cicatrizes que deixamos em seu corpo, que sente cada vez mais as dores do parto.

Em outros tempos a Senhora Natureza era sagrada. Presentes e rituais eram dedicados a ela, pois não só a temíamos, mas também a amávamos. Os índios sabiam como agradá-la com danças.

Mas nos tempos de hoje, não sabemos mais como dançar com a natureza. Agimos como se ela estivesse apenas ao nosso dispor, eterna e imutável. Passamos e vivemos indiferentes pensando que seus recursos são magicamente infinitos. Apenas vamos retirando, sacando mais do que precisamos deste banco que dinheiro nenhum poderá cobrir, quando se acabar.

Temo que nossa conta já esteja bem alta, e se continuarmos com esse consumo compulsivo, quando cobrados, o nosso cheque será sem fundo e não vamos ter a opção de passar no crédito. E então poderá ser tarde demais para remediar. Aquele que é sábio sabe que é melhor prevenir, e a fase de prevenção já está quase no fim. E o prognóstico, o nosso prognóstico, não será nada bom. Pois ela, bem, ela já soube se virar por muito tempo, sem precisar de nossa "ajuda". O planeta já passou por várias extinções em massa, catástrofes e transtornos. E se recuperou de tudo isso. Ele é forte. O ser humano, não.

— Se vai chover? – Retomei a pergunta, olhando para o céu onde poucas nuvens formavam pequenos aglomerados de algodão – Em tempos secos como este, rezemos para que a chuva retorne. - respondi com um sorriso – ou vamos ter que aprender aquela dança, para não acabar dançando bonito.

## 10º lugar adulto – Edivani da Rocha Prado

### Crônica de uma crise hídrica anunciada

Tomo uma ducha enquanto escuto o noticiário. Comentando sobre a crise hídrica paulista que vem se arrastando desde 2014, o radialista nos alerta que o pior ainda não passou: o nível dos reservatórios do Cantareira e Alto Tietê encontram-se num nível mais preocupante do que há 12 meses.

Desligo o chuveiro para ensaboar-me e fico pensativa. Expressões como volume morto e estresse hídrico sequer existiam em nosso vocabulário até então e hoje já nos são muito familiares. Fico mais pensativa ainda quando recordo que esta crise não é um infortúnio só nosso: além de São Paulo, oito estados do país já ultrapassaram ou estão no limiar do estresse hídrico (olha a expressão de novo!). Também há registros de dificuldades semelhantes em outros países. Estima-se que cerca de 40% da população mundial conviva hoje com os percalços da falta de água. Ou seja, a tragédia é globalizada.

Ligo a ducha novamente para enxaguar-me. Segundo a ONU, segue ainda o locutor, 40% das reservas hídricas mundiais podem encolher até 2030 e, nos próximos 25 anos, dois em cada três habitantes do planeta terão dificuldades para obter água limpa. Entre as causas, essa mesma entidade aponta o crescimento populacional, a poluição das águas, o desperdício na distribuição e no uso e as mudanças climáticas.

Desligo o chuveiro e começo a secar-me. Sigo refletindo. As mudanças climáticas, que comprovadamente foram aceleradas pela ação do homem, tornam o clima irregular. Na natureza, tudo está interligado buscando um equilíbrio. Um ecossistema que está a cerca de três mil quilômetros de distância pode ser fundamental para garantir a produção de água em outro. O aumento do desmatamento da Amazônia, por exemplo, pode reduzir os índices pluviométricos em outras regiões. Além disso, sem cobertura florestal nas regiões de mananciais, a água não consegue penetrar nos lençóis freáticos, prejudicando seu ciclo. Aí, meu amigo, não podemos apenas culpar São Pedro por ter sido econômico demais nas chuvas ou por errar na pontaria!

Em um cenário crescente de escassez de água, num futuro breve teremos sérios impactos econômicos, sociais e até políticos. Parece filme de ficção, no estilo apocalíptico, mas infelizmente não é. Se não houver conscientização dos problemas ambientais atuais e, caso estes não sejam devidamente equacionados, estaremos colocando em risco a existência da vida em nosso planeta. E essa conscientização deve partir do pressuposto de que realmente queremos modificar esse convívio autodestrutivo que estabelecemos com a natureza, já não apenas precisamos fazer isso. Afinal, quando queremos algo, temos mais determinação para conseguir o que precisamos. E cada atitude positiva conta.

Calço meu sapato. Quando foi que passamos a tratar o meio ambiente desta maneira? Nos primórdios da vida humana, a relação homem-natureza era envolta em mistério: era uma forma parentesca, afetiva, respeitosa e submissa de relacionamento, havia um manto mitológico e sagrado (afinal, quem entendia os caprichos dessa mãe: fogo, raios, trovões, vulcões, terremotos e um sem-fim de manifestações?). Tudo isso é quebrado pelo surgimento do pensamento científico e racional, com um progressivo distanciamento entre o homem e a natureza. A partir daí, o ser humano passou

a enxergar o planeta e tudo que está nele como algo a ser dominado e explorado, literalmente tomou posse.

Obviamente, o conhecimento nos trouxe inúmeros benefícios, em diversas áreas da atividade humana. Mas devemos ter com o meio ambiente uma relação baseada na ética e na sustentabilidade. Como utilizar sem abusar? Como usufruir sem destruir? Devemos isso a nós mesmos e às gerações vindouras. Como sabiamente disse o cacique Seattle ao presidente dos Estados Unidos em 1855: "A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra. Todas as coisas estão interligadas. O que fere a terra fere também os filhos da terra". Simples assim. Desligo o rádio e apago a luz. Levo o lixo reciclável para a calçada de minha casa e vou trabalhar de bicicleta. Por enquanto, a vida ainda continua.

## 11º lugar adulto – Jéssica Rodrigues Nascimento

### Melodia

E a palestrante conclui: "Vejam por si mesmos onde ele foi capaz enxergar música." E foi exibida na tela do data show a história do rapaz que transformou uma foto de jornal em música. Explico: era a foto de uma porção de pássaros pousados sob alguns fios de tensão, o moço inteligentemente e provido de uma sensibilidade invejável viu naqueles pássaros notas musicais e assim os converteu, os fios de tensão deram forma as linhas da partitura e daí a história da famosa melodia.

Todo esse episódio da minha aula de musicalização me fez lembrar o quanto eu amo essas canções da natureza, e o quão magnificamente perfeita ela é. Como ela rege nosso mundo e nos oferece todos os dias uma infinidade de músicas que se juntam ao um espetáculo de cores e um show no céu, como ela tem sua própria harmonia e seu ritmo. Tão perfeita essa natureza que tem a bondade de nos avisar por meio de seus fenômenos catastróficos que nosso jeito de viver está errado, está feio, não deu certo. O mundo que criamos é cinza e barulhento.

Como fomos capazes de permitir que nosso anseio desenfreado pelo consumo destruísse o nosso bem mais belo, mais rico, mais musical e assistimos preguiçosamente sua degradação? É SÓ o lugar onde vivemos, o lugar onde ficaremos por anos, e anos... E além de assumir o lugar do maestro, trocar as notas da canção, mudar os acordes, acelerar o ritmo e colocar no automático, a gente ainda virou as costas quando a música parou de tocar.

Não muito tempo atrás, penso eu, quando o homem ainda fazia tudo lento e artesanalmente, bem longe das máquinas revolucionárias, quando ele não tinha só um emprego mas um ofício, quando ele ainda podia ver o resultado final de seus esforços, pegar, sentir e se orgulhar da sua criação, quando ele possuía e queria só aquilo de que precisava, ele tinha o privilégio de abrir a janela num dia difícil e se maravilhar com um lindo dia verde, ouvir os pássaros cantando, as folhas das árvores balançando, os rios chiando, o vento soprando, aaaaaah era a música perfeita e ele sabia que não ia acabar, que amanhã ia ter mais pra ele revigorar as suas forças.

Hoje os bisnetos desse homem têm tudo de que precisam, mas principalmente o que não precisam, mas acordam e escutam buzinas, sons de máquinas destruindo outro asfalto qualquer, fábricas trabalhando a todo vapor. Vento ele não ouve, os prédios o impedem de dançar livremente; os rios também não escuta, tão poluídos que a água já nem se move, esses sons não se harmonizam, não vira música, não dá vida as cores, é só barulho.

Será que há esperança para nós ou chegamos como diria Caio Fernando Abreu no ponto em que já não se sabe mais como parar ou voltar atrás? Digo que sim! Quero meu mundo cantarolante de volta! Se não posso gritar "Parem as máquinas! Desliguem os motores!" Posso consumir menos, posso reutilizar, posso reciclar o meu lixo, posso plantar uma árvore, uma planta, uma flor, posso mudar o que quiser. Sim eu posso. E quero. E vou! É como compor, uma notinha de cada vez, e conforme os acordes vão se formando e a melodia vai acontecendo, mais inspirado fica o compositor, e mais motivado a terminar a canção, melhor ainda se o acompanham outros instrumentistas, e formam uma belíssima orquestra, criando a melhor das sinfonias, a sinfonia da



vida. Essa vai ser minha música, é nesse ritmo que quero viver, é esse som que quero ouvir quando abrir a janela da alma, som de mudança, de virada, de transformação.

## 12º lugar adulto – João Bosco de Lima Fontan

### PÉ DE LOURO

Todos os meses ouvia o barulho do meu vizinho jogar por cima do meu portão um galho de louro, assim como fazia nas demais casas da rua.

Ao acaso, o via passar por minha casa a frente da esposa. Os dois idosos, ele mais forte, meio gordinho e calvo, ela mais alta de cabelos bem brancos, corpo arcado, tez sofrida, olhar terno e perdido, com foco no companheiro que a puxava a frente, como se corda houvesse entre os dois.

Dirigiam-se ao ponto de ônibus, de onde rumavam para o restaurante popular no centro da cidade, onde as despesas não sentissem tanto a inflação que corrói o nosso pouco salário do mês. Outro dia, curioso, decidi dar uma olhada no pé de louro que sua esposa havia plantado logo após terem construído sua casa. Hoje, estava bem grande e passava a cobertura de telhas de barro com uma água e um bom pé direito em sua altura. Parecia que, todas as segundas-feiras o seu aroma especial emanava pela vizinhança e sincronizava olfatos e paladares, com sua majestade o feijão, que as donas-de-casa temperavam com ele.

Quando os encontrava na rua, reparava na força daquele senhor em cuidar de sua esposa. Casados no religioso e no civil, de comportamento saudoso e apaixonado por aquela cuja cabecinha branca só se lembrava das coisas de um passado distante, em que, exemplo dado ao se construir uma casa, a primeira coisa em que se pensava era o espaço para a horta, para o galinheiro e em alguns casos, o chiqueiro e, em outros casos, pomares, dotados de árvores com o caule, ora estampado de jabuticabas e amoras, ora com dezenas de mangas que desafiavam a Lei de Newton e se espatifavam, cobrindo de amarelo o verde marrom de terra e grama. O que servia também de subsistência para sanhaços e sabiás, que cantam e encantam em meio ao ar puro.

O quadro de saúde dela, definido como Mal de Alzheimer, progressiva e paulatinamente não permitia mais que recordasse os momentos presentes, o que para nós era muito triste. Ninguém gosta de ver uma pessoa sofrer e no caso dessa doença, parecendo não perceber a “via dolorosa”.

Seguindo os passos de sua amiga plantadora, o pé de louro também adoeceu. Comentamos aqui em casa que ele perdeu o aroma e o sabor. Não possuía mais seu cheiro típico. A vizinhança toda comentou que os pratos de feijão com arroz já não eram mais os mesmos. As folhas de louro sentiam: era como outro ser vivo sentindo o sofrimento de alguém querido.

São sinais que apenas seres de dimensões superiores veem como realidade. Vagarosamente, no tempo da natureza, eles traduzem o sofrimento da fauna, da flora e dos demais elementos do meio ambiente, frente à ambição doentia e a verdadeira desorganização com que o ser humano ocupa o mundo em que vive.

Precisamos cuidar do planeta; pois mesmo que algum dia não estejamos mais vivos na face da terra, por tê-lo tratado indevidamente, ele continuará em seu ciclo perfeito, buscando por braços que a saibam trabalhar e dela tirar sustento, retribuindo a quem o trata com amor.

Uma grande engrenagem está sacrificando os recursos naturais. Hoje eu gostaria que os habitantes do mundo inteiro se reunissem de mãos dadas, para um grande abraço no mundo em que vivemos.